

contraponto

ANO 20 Nº 125 Agosto/Setembro 2020

Covid 19: o marco do século 21



**As mudanças nas dinâmicas de trabalho,
estudo e convivência social**

Coisas políticas

O ator Lázaro Ramos escreveu uma coluna especial para o jornal *O Estado de S. Paulo* em homenagem ao recém-falecido e também ator Chadwick Boseman, conhecido por interpretar o Pantera Negra – super-herói dos quadrinhos Marvel –, em seu filme solo. Ramos lamentou a morte de Boseman, e diz ter se sentido novamente como uma criança, sonhando em ser um super-herói, além de ter agradecido pela representatividade proporcionada com o trabalho do ator estadunidense.

Tanto nas redes sociais do jornal, quanto na própria coluna, haviam comentários como: “Sempre dando uma lacrada sobre a cor da pele”; “Oportunismo disfarçado?”; “Politizar um herói...”, entre outros do mesmo cunho. A repercussão da morte de Chadwick representa apenas a ponta do iceberg de uma discussão que vem se tornando cada vez mais presente entre as discussões online e offline: sobre o que é, e o que não é político.

É possível (senão certo) que as redes sociais tenham ampliado o debate acerca de inúmeras questões, inclusive das políticas. Isso não significa, necessariamente, que a qualidade desses debates também foi ampliada. Xingamentos, ameaças e comentários carregados de prepotência e vazio são o que mais se vê nessas plataformas, além da negação constante (e em vão) de que política deve ser algo alheio às pautas abordadas.

O paradoxo que se apresenta é o de que a política se faz presente, mesmo onde não é apresentada como tal (ou onde não é bem-vinda). Ela está acima de tudo. Aristóteles errou em algumas de suas teorias, mas com certeza acertou ao dizer que o ser humano nada mais é do que um “animal político”. Somos negociantes, diplomatas e sofistas por natureza.

A prova cabal de que a política se infiltra até em lugares nos quais não deveria se encontrar é a politização no combate a um vírus avassalador que atinge todos ao redor do mundo. Quando o presidente estadunidense Donald Trump atribuiu a culpa da pandemia ao “vírus chinês”, trata-se de algo político.

Da mesma forma ocorre com o presidente brasileiro Jair Bolsonaro. O chefe do Poder Executivo chamou a Covid-19 de “gripezinha”, culpou única e exclusivamente governadores e prefeitos, priorizou a economia em detrimento da vida de aproximadamente 130.000 compatriotas (um plano fracassado, considerando a queda histórica do PIB em 9,7% no segundo trimestre) e levou quatro meses, desde maio, para atribuir um ministro titular à pasta da Saúde – o qual nem é especialista da área. Ironias à parte, tudo graças a um chefe de Estado que dizia não fazer “velha política”, o que é, na verdade, tudo o que tem sido feito pelo mesmo.

Se há política em um “pequeno” vírus, há política por todo resto. Em como as pessoas se vestem, como querem se parecer, como agem, o que anseiam conquistar na vida profissional. Seus ídolos, seus hábitos, suas companhias e assim por diante. Há política no esporte, quando jogadores da NBA se trancam em vestiários e se recusam a jogar, em nome do movimento “Vidas Negras Importam”; ou quando a Democracia Corinthiana vai às ruas para protestar contra o fascismo. Nas artes, desde um quadro do Picasso às letras de Elza e Emicida. E no cotidiano: quando se fala, quando se cala, ou quando se escolhe calar. Não gostar de política, não pensar em política, não falar em política, político é. Se uma pedra, pequena ou grande, rola ladeira abaixo, e ninguém opta por segurá-la, a abstenção significa muito mais do que qualquer intervenção.

SUMÁRIO

● VESTIBULAR 2021: PANDEMIA COMPROVA AINDA MAIS AS DEFICIÊNCIAS DE ENSINO PÚBLICO	3
● CRISE CLIMÁTICA: INÉRCIA E OBSCURANTISMO NO PODER	4
● QUEM FOI DOM PEDRO CASALDÁLIGA?	5
● QUAL O FUTURO DA CINEMATECA BRASILEIRA?	6
● LINGUAGEM NEUTRA: DISCUSSÕES E PERSPECTIVAS	7
● BEIRUTE EM CHAMAS: EXPLOÇÃO EXPÕE CAOS INSTITUCIONAL NO LÍBANO EM MEIO A AJUDA HUMANITÁRIA	8
● DONALD TRUMP E JOE BIDEN: O QUE ESPERAR DA ELEIÇÃO MAIS IMPORTANTE DA ARENA POLÍTICA GLOBAL	9
● GERAÇÃO ELEITA: A ERA PÓS-BOLSONARO	10
● CENÁRIO DAS ELEIÇÕES À PREFEITURA DE SÃO PAULO ESCANCARA CRISE NA ESQUERDA	11
● A REALIDADE DOS ENTREGADORES DE APP	12
● DAS COLÔNIAS À CONTEMPORANEIDADE: A ELITE BRASILEIRA	13
● VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA PANDEMIA: O QUE MUDOU E COMO COMBATER	14
● GORDOFOBIA ALÉM DA PRESSÃO ESTÉTICA: UMA DISCUSSÃO QUE A SOCIEDADE ESTÁ LONGE DE AVANÇAR	15
● O IMPACTO DO CONSUMO DE PORNOGRAFIA NA VIDA SEXUAL DAS MULHERES	16
● AOS EFEITOS DA PORNOGRAFIA NA MENTE MASCULINA	17
● BLACK IS KING ILUMINA O CAMINHO DE VOLTA PARA CASA	18
● COMPRAR NUNCA ESTEVE TÃO NA MODA	19
● “MÚSICA É NOSSO TRABALHO”	20
● AS SÉRIES E FILMES MUITO ALÉM DA IMAGEM	21
● REFÚGIO VIRTUAL: PESSOAS PASSAM A JOGAR MAIS DURANTE A QUARENTENA	22
● CRÔNICA – SEM PALAVRAS	23
● O QUE UM ANTROPÓLOGO, UMA PSICÓLOGA E UM JORNALISTA ESPERAM DO FUTEBOL PÓS-PANDEMIA?	24

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Amália Pie Abib Andery
REITORA

Fernando Antonio de Almeida
VICE-REITOR

Márcio Alves da Fonseca
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO
Alexandra Fogli Serpa Geraldini
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Marcia Flaire Pedroza
PRÓ-REITORA DE PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO
E GESTÃO

Silas Guerriero
PRÓ-REITOR DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
Antonio Carlos Malheiros
PRÓ-REITOR DE CULTURA E RELAÇÕES COMUNITÁRIAS

Mariangela Belfiore Wanderley
CHEFE DE GABINETE
FACULDADE DE FILOSOFIA,
COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES – FAFICLA
Angela Brambillia P. Lessa
DIRETORA

Cristiano Burmester
DIRETOR ADJUNTO
Urbano Nobre Nojosa
CHEFE DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
Mii Saki Tanaka
VICE-CHEFE DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
Fabio Cypriano
COORDENADOR DO CURSO DE JORNALISMO

Endereço: Rua Monte Alegre, 984
Perdizes - CEP: 05014-901

EXPEDIENTE

CONTRAPONTO

Comitê Laboratorial
Cristiano Burmester, Fabio Cypriano,
José Arbex Jr., Maria Angela Di Sessa
e Pollyana Ferrari

Editora Responsável
Anna Flávia Feldmann

Editora assistente
Ligia de Toledo Saicali

Mídias Sociais
Manuela Nicotero Pestana

Produção
Raul Vitor

Editorias
Cidades: Sarah Catherine Camara de Seles
Cultura: Isabella Marinho dos Santos
Esportes: Henrique Sales Barros
Internacional: Daniel Gateno
Moda: Guilherme de Beauharnais
Política: Giovanna Colossi

Fotografia
Sarah Catherine Camara de Seles

Revisão
Alexa Reichmann, Beatriz Aguiar, Gabriella
Lopes, Giovanna Colossi, Manuela Nicotero
Pestana, Maria Clara Vieira e Raul Vitor

Ombudsman
André Vieira

Foto da Capa: *Mascarados*, Caju Galon,
colagem digital (2020), releitura de
Operários, Tarsila do Amaral, pintura (1939)
e *Varitas*, Jacob Gheryn II, Pintura (1633)

JM Desenvolvimento Criativo Ltda-ME
Fone: 11 3679.7746

CONTRAPONTO é o jornal-laboratório
do curso de Jornalismo da PUC-SP.

Rua Monte Alegre 984 – Perdizes
CEP 05.014-901 – São Paulo – SP
Fone: 11 3670.8205

Número 125 – Agosto/Setembro de 2020

Por **Fernanda Fernandes,**
Gabrielly Mendes, Giovana Yamaki
e **Julia Takahashi**

Para este ano já estava programada a mudança no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com a disponibilidade no formato impresso e digital, fato que já causou muita discussão e insatisfação entre os estudantes. Contudo, com a chegada da pandemia do novo coronavírus, todos os vestibulares, e a educação de modo geral, sofreram alterações. A dificuldade de acesso a boas aulas e a falta de recursos, seguidas pela dificuldade de organização ao lidar com a data dos vestibulares são motivos que causaram ansiedade e nervosismo nos vestibulandos.

Pela primeira vez, os estudantes puderam optar pelo ENEM Digital, permitindo a realização das provas pelo computador. No entanto, em entrevista ao **Contraponto**, Renato Amigo, professor de Química que coordena a Central de Vestibulares da Escola Liceu Jardim, afirma que a versão impressa é mais segura. "O sistema do INEP [Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira] apresenta instabilidade quando muitos acessam ao mesmo tempo. Por ser a primeira vez, talvez apresente problemas. Além disso, a percepção da informação é diferente ao ler algo digitalizado", afirma.

Com a pandemia da Covid-19, uma das principais demandas dos estudantes foi o adiamento do exame. Assim, foi feita uma votação online para decidir uma nova data. Além de nem todos os candidatos terem conseguido votar, a data definida não foi a escolhida pela maioria dentre as disponíveis: 49,7% votaram para que fosse aplicado em maio, mas a prova foi marcada para janeiro.

Outros vestibulares também sofreram mudanças, como o adiamento das datas ou até no reajuste de seus formatos. A UNICAMP, por exemplo, retirou conteúdos específicos do último ano escolar, o que reduziu o número de questões e leituras obrigatórias. Portanto, é provável que o nível das perguntas seja mantido.

"Se o vestibular não tirar algum conceito, é justo e lógico que conteúdos de 3ª série sejam cobrados de forma superficial, condizentes com possíveis falhas do ensino remoto. A escola que leciono vem com aulas de qualidade desde o início do isolamento, mas essa não é a realidade da maior parte das escolas do Brasil", pontua Renato.

Com evidentes discrepâncias ao longo dos anos, a disparidade entre alunos da rede pública e privada cresceu ainda mais com as aulas remotas. Laura Mayumi Ferreira, estudante de 16 anos, se prepara para o concurso público da Polícia Militar, e para as provas da FUVEST e do ENEM. Para ela, a adaptação foi complicada por estar acostumada a uma rotina agitada, na qual conciliava atividades da escola, do curso de inglês gratuito e do curso preparatório. "Agora, foco nos meus estudos nos períodos da tarde e noite, estudando por cerca de 6 horas e fazendo primeiro as tarefas da escola e depois as do concurso", diz.

Quando questionada se sente certa defasagem no preparo para o vestibular, Laura foi enfática: "da escola, em si, não aprendo muita coisa". Quanto aos materiais usados para assistir

VESTIBULAR 2021

PANDEMIA COMPROVA AINDA MAIS AS DEFICIÊNCIAS DO SISTEMA DE ENSINO PÚBLICO

Dificuldade em utilizar bons equipamentos em aulas remotas reduz a concentração de estudantes e acelera a desigualdade entre vestibulandos



Apesar de todas as confusões geradas na organização do ENEM, candidatos se esforçam para seguir rotina de estudos

às aulas, a estudante diz que opta pelo celular na maior parte do tempo. "Tenho um notebook que não é dos melhores e sinto bastante incômodo para usar eletrônicos". A vestibulanda afirma que também se inscreveu na modalidade impressa: "Com certeza a prova será mais cansativa digitalizada".

Outros alunos, já formados no Ensino Médio e que estão realizando o curso particular pré-vestibular, encaram o ensino remoto com bons equipamentos e materiais para assistirem às aulas. Para o estudante do Anglo, Fernando Caetano, esse modo de ensino o auxiliou em vários aspectos, como na concentração. "Eu deixo o estudo diluído no dia e vou sempre concentrado para estudar. Tenho assistido às aulas gravadas do cursinho e feito as tarefas". Ele acredita estar pronto para as provas.

Contudo, Gabriela Mathias julga que o ensino à distância foi prejudicial por mudar sua rotina e demandar mais tempo. A candidata demorou para se acostumar, principalmente para tirar dúvidas. Além disso, relatou ter muitas distrações em casa, o que aumentou suas dificuldades. "Comparando ao ano passado, que também realizei o cursinho, parece que não estou indo tão bem. Sinto muita diferença", conclui.

Em relação às opções de prova do ENEM, ambos escolheram realizar a impressa, decisão compartilhada pela maioria dos inscritos. Segundo dados divulgados pelo INEP, 98,34% do total de candidatos optaram pela versão tradicional. O objetivo do Ministério da Educação é que, a cada ano, mais participantes façam pelo método digital e que, em 2026, as provas impressas sejam totalmente substituídas, visando reduzir gastos.

Apesar dos acontecimentos no decorrer de 2020, surgiram diversos projetos voluntários e iniciativas individuais com a finalidade de ajudar os estudantes neste momento decisivo da vida. Um exemplo é o Projeto Educação Resiste. A iniciativa online, que tem como objetivo democratizar a educação, começou com uma ideia entre amigos. Com apenas um mês, já apresentava um ótimo desempenho e hoje conta com mais de 900 estudantes e 1700 tutores de diferentes matérias e regiões do Brasil.

O programa reúne pessoas dispostas a compartilhar seu conhecimento com alunos e ex-alunos de escola pública que desejam entrar em uma boa faculdade. Entre os tutores estão estudantes de diversas áreas e vestibulandos, além de uma psicóloga que ajuda a orientar alguns alunos. Maria Sofia Aguiar, coordenadora de redação do projeto e estudante de jornalismo, relata o quão gratificante é participar dessa causa e acompanhar o desenvolvimento do grupo: "é muito bom ver que estamos fazendo a diferença na vida de alguém".

O ingresso no ensino superior sempre foi uma disputa injusta, mas a pandemia escancarou as deficiências do sistema de ensino público, ressaltando a importância do professor em sala de aula e o investimento na educação brasileira. Em meio a essa caótica circunstância, predomina-se o descaso crescente do governo, negligenciando seu papel público e deixando de lado aqueles que necessitam de auxílio, contribuindo com as raízes da desigualdade que permeiam toda a história do país.

CRISE CLIMÁTICA: INÉRCIA E OBSCURANTISMO NO PODER

Por Julia Rugai, Lais Morais e Manuela Nicotero Pestana

O ano de 2020 foi abalado pela Covid-19. Com isso, inúmeros debates ganharam recortes diferentes, como o da retórica negacionista. A própria pandemia foi negada, assim como o surgimento do vírus. Uma série de publicações falsas correram o mundo afirmando que a doença teria sido criada pelos chineses em busca de uma ditadura comunista. Nesse cenário, o negacionismo climático – que sempre existiu de maneira impactante no discurso de alguns presidentes – ganhou ainda mais força.

Com o caos global instalado, o debate ambiental entrou em pauta. No início, com um olhar otimista, já que grande parte do planeta estava em quarentena. Porém, em toda essa discussão, algo deixou de ser evidenciado: o descaso humano em relação às mudanças climáticas. Essa é considerada a principal causa de doenças como o novo coronavírus.

Pandemias como essa são consequências do desmatamento, poluição, caça, mudanças climáticas e tráfico de animais. A soma desses fatores gera o fim da biodiversidade, que, diferente do que a maioria acredita, é justamente o que nos mantém seguros de futuros novos “coronavírus”.

Atualmente, a pesquisa científica é uma das principais maneiras para combater o desconhecimento em relação à Covid-19. Contudo, a atuação de expoentes políticos como o presidente estadunidense, Donald Trump, e a cabeça do Executivo no Brasil, Jair Bolsonaro, em relação ao negacionismo é anterior à pandemia.

Antes mesmo de se tornar estrela do Partido Republicano e sequer considerar fazer parte de uma corrida eleitoral, Trump era simplesmente um nome notório no mundo empresarial e apresentador de seu próprio programa de televisão, o *The Apprentice*, onde já revelava ser uma figura de opiniões conservadoras e polêmicas (especialmente no que diz respeito às mudanças climáticas e ambientais).

Em novembro de 2012, Trump utilizou sua conta no Twitter para expor seus pensamentos a respeito do aquecimento global: “O conceito foi criado por e para os chineses com o objetivo de tornar a manufatura americana não competitiva”. Além disso, todo o governo da oposição – encabeçado pelo democrata Barack Obama (2009-2017) – foi fortemente bombardeado pelo seu sucessor.

O portal de notícias norte-americano Vox publicou uma matéria em junho de 2017 - seis meses adentro do governo Trump - contabilizando 115 vezes em que ele havia articulado sua posição de influência em favor do negacionismo climático, repudiando as atitudes de Obama - entre outras figuras progressistas - em relação à preservação do meio ambiente e disseminando a desinformação através de teorias sem qualquer respaldo acadêmico.

Covid-19 agravou e evidenciou o negacionismo científico



© Laerte



© André Dahmer

As colocações polêmicas e comprovadamente mentirosas de Trump cresceram dentro de sua base eleitoral, justificadas por um nacionalismo exacerbado e conflituoso, promessas de redução de desemprego, valorização da indústria e toda sua obsessão pela supremacia norte-americana transmitida pelo slogan “*Make America Great Again*” (“Faça os EUA grande de novo”).

Portanto, não foi com grande choque que, em novembro de 2019, o presidente estadunidense notificou a Organização das Nações Unidas (ONU) a respeito da saída dos EUA do Acordo de Paris. Esse acordo é um comprometimento diplomático, firmado em 2015 por 195 países, que busca impedir o aumento das temperaturas no globo, aquecimento esse comprovado por diversas pesquisas científicas.

A engenheira ambiental, Beatriz Brito, mostra-se insatisfeita com a atual conjuntura da crise ambiental no Brasil. “O governo atual tem uma postura diferente do que esperamos para o Brasil, no que tange ao contexto do meio ambiente. Está evidente que o Ministério do Meio Ambiente não compreende a essencialidade dos serviços que uma floresta em pé pode proporcionar à qualidade de vida do ser humano”, avalia.

Beatriz acrescenta que, infelizmente, a pandemia proporcionou tempo e cortina para

que o governo realizasse as inúmeras alterações na legislação ambiental que eram sonhadas antes mesmo disso tudo acontecer. “Já fomos mais ativos e dispostos a contornar os problemas e ilegalidades ambientais”, recorda a engenheira, que acrescenta: “O que nos traz força é a certeza de que a ciência é a base de tudo e uma hora ou outra esse fato virá à tona. Já está aí”.

De fato, frente à realidade da existência de relações latentes entre a pandemia e as posturas danosas ao meio ambiente, resta nos questionar o porquê de líderes políticos e outros grandes veículos não estarem fazendo estas correlações de maneira mais intensa. Beatriz menciona as razões econômicas de ordem global que estão em jogo e enfatiza que fazer o certo, porque o certo, não é suficiente.

“Quem sofre com o negacionismo científico é a população mais carente. É o pequeno e médio produtor e obviamente, o meio ambiente. No fim, o problema mais latente disso é a capacidade de gerar um efeito dominó. Imagina o trabalho que teremos para reverter esse quadro e levantar peça por peça. Essas peças são pessoas, com caráter diferentes, princípios e objetivos diferentes. A aceitação do negacionismo é o maior perigo que corremos”, finaliza.

QUEM FOI DOM PEDRO CASALDÁLIGA?

Por Giovanna Colossi
e Maria Luiza Marinho

"Nunca, na minha vida franciscana, na minha província franciscana, com os meus freis franciscanos, vi um testemunho tão límpido, tão singelo, tão transparente, tão forte, de pobreza verdadeira, de pobreza radical, de pobreza da simplicidade, de pobreza como opção de vida, como foi minha experiência em quatro dias com meu querido franciscano, que não era franciscano por lei, mas era franciscano por opção de coração, o profeta Pedro Casaldáliga", afirma Frei David Santos, da Ordem dos Frades Menores, ao lembrar sua visita a São Félix de Araguaia como convidado do Pastor Dom Pedro Casaldáliga para assessorar o encontro diocesano preparatório para a Campanha da Fraternidade de 1988. Na ocasião, se viu surpreendido ao descobrir que sua acomodação – um quarto simples, sem portas, apenas cortinas – havia sido cedido por Dom Pedro, que, durante os quatro dias do encontro, se instalou em uma cabana com mais de 200 redes, onde dormiu com o seu povo.

Fiel ao Evangelho do Amor, compromissado com a justiça e a causa dos oprimidos, ganhou fama de sonhador, santo, profeta da esperança e passarinho da paz. Mesmo aos 92 anos, sua morte parece precoce



© Acervo: Diego Lelis

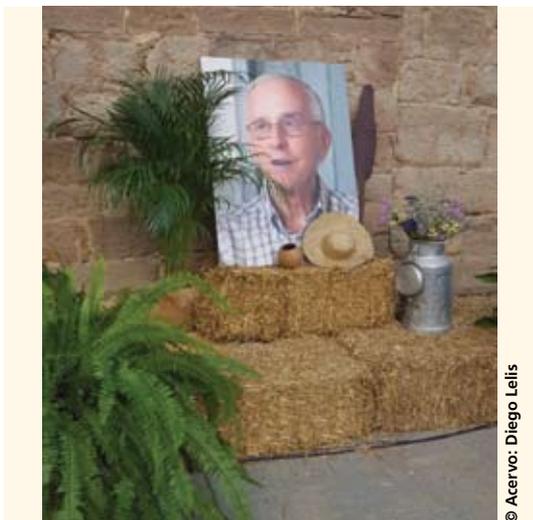
João Paulo II, os fatos mais comentados na Igreja foram a eleição do Papa Francisco e a morte de Dom Pedro Casaldáliga.

A figura dele não se limitava a uma visão religiosa; era também política e militante dos direitos humanos. Semanas antes de morrer, D. Pedro assinou a carta

dos Bispos contra o presidente. Além do mais, poesia e política podem ser vistas como maldição para uma alma simplória, mas, para ele, era a única forma de mudar o mundo.

Com a clareza de quem viveu bem e morreu de pé, como as árvores. "É um lado pouco explorado do Pedro. Ele era um homem muito místico, e muito bem-humorado também. É algo que poucos falam, dessa leveza que ele tinha com a vida" Diego acrescenta relatando sobre seu momento mais marcante com Dom Pedro:

"Em uma das minhas despedidas, ele disse algo que trago pra minha vida como uma missão, como religioso, utilizando de um poema que diz 'o caminho se faz caminhando e não há caminho pronto'. Ele escutou isso e disse que não é só caminhar, é fazer com que os outros não sintam as mesmas dores. Ao caminhar, tire as pedras, facilite a caminhada de quem vem depois de você. Meus irmãos de comunidade dizem que eu estou sempre lutando por alguma causa, mas o caminho é por aí. O legado particular que ele me deixou foi de como viver. Ele me deu um anel de comprometimento com a causa, e eu guardo com muito carinho".



© Acervo: Diego Lelis

"Aquilo ficou no meu coração e nunca mais se apagou.", de forma emocionada, repetiu diversas vezes Frei David.

A melhor forma de descrever Casaldáliga, talvez seja como passarinho da paz, profeta da esperança, que ouvia o entonar da canção de Bethania, "sonhar mais um sonho impossível". Pedro foi um sonhador que não se limitou ao onírico. Na luta contra fortes inimigos, fortaleceu sua fama de Santo por estar sempre resistindo em fé e ações, assim como manda o Evangelho de São Tiago.

Aos 92 anos, ainda dedicava todo seu tempo na luta pela minoria, contra os latifundiários e a favor das terras indígenas, onde quisera ser enterrado, e assim foi, em São Félix de Araguaia, com louvor de todos que o admiravam. Sepultado em um cemitério de indigentes, a única cruz dos sepulcros que carrega nome, é a sua.

Ele costumava dizer: "para viver, eu já quero ter, a parte que me cabe, no latifúndio seu, que a terra não é sua, seu doutor Ninguém. Mas para viver, terra e liberdade, eu preciso ter", em reconhecimento ao lado simbolista de um homem fascinante.

Com quantos "P" se faz um homem? Dom Pedro Casaldáliga era de muitos. Padre, poeta, pastor, pioneiro, pensador, progressista; todas as palavras podem definir o que foi e continuará sendo, já que seu legado se perpetua entre os seus e os nossos, sempre que o recordamos.

Mais que isso, diante da crença cristã sobre a morte, na qual todos nós temos uma missão para cumprir em vida e que essa tarefa é plenamente límpida quando é uma sintonia e uma resposta ao projeto de Deus, Dom Pedro Casaldáliga fez isso com muita plenitude.

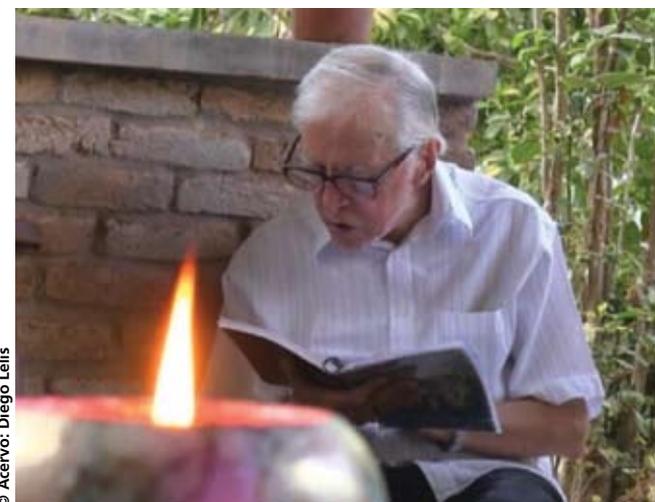
Viveu intensamente o Ser cristão, com transparência, honestidade e ética. "Dom Pedro viveu muito bem, com muita intensidade, com muita felicidade, fazendo tudo aquilo que ele acreditava. E morreu - eu percebi que ele morreu - com plena consciência do dever cumprido", afirma frei David.

Em 1971, D. Pedro fez uma denúncia do que se tornaria sua maior luta: o latifúndio. Na carta Pastoral, ele alertava sobre "uma igreja da Amazônia em conflito com o Latifúndio e a marginalização Pastoral". A situação dos "peões" chocou o padre, que chegou ao fim dos anos 60 na região. A forma tão retrógrada de trabalho e punição o fizeram embarcar nessa luta ambientalista e de ativismo.

Casaldáliga foi poeta como Drummond. Em seu sermão sobre espiritualidade, "não posso viver como se fosse uma herança", enfatizou não o "ter", e sim, o "ser" espiritual. Afinal, essas duas consoantes podem mudar destinos, como o do sergipano Diego Lelis que cruzou o seu.

O Missionário Claretiano, comenta sobre algumas lembranças que teve com Pedro, e salientou o fato da casa não ter portas, reboco ou piso. Um homem que tinha tudo pra viver com medo, mas estava sempre de portas abertas, defendeu os pobres e foi pobre".

De acordo com o missionário, a família de Pedro fez um rastreamento de notícias religiosas e apuraram que, depois da morte de



© Acervo: Diego Lelis

QUAL O FUTURO DA CINEMATECA BRASILEIRA?

Por Maria Luiza de Oliveira Leite, Marina Daquanno Testi e Rafaela Reis Serra

Instituição de grande prestígio cultural sofre com destino incerto

A Cinemateca Brasileira, o maior acervo audiovisual da América do Sul, com mais de 250 mil rolos de filmes e mais de um milhão de documentos relacionados a cinema (como fotos, roteiros, cartazes e livros), fechou suas portas no dia 7 de agosto.

Fundada em 1940 como o Primeiro Clube de Cinema de São Paulo, propunha-se a estudar a sétima arte de modo independente, por meio de projeções, conferências, debates e publicações. A Cinemateca sempre se moldou às intempéries políticas e sociais para manter sua existência e preservar o legado cultural de muitos profissionais do audiovisual.

Localizada atualmente na região da Vila Clementino, na cidade de São Paulo, a instituição contava com recursos investidos pelo antigo Ministério da Cultura (MinC) – atualmente integrado ao Ministério do Turismo (MTur) junto com a Secretaria Nacional do Audiovisual – em parceria com a Sociedade Amigos da Cinemateca (SAC) e Acerp - Associação De Comunicação Educativa Roquette Pinto para execução de um projeto de preservação e acesso a acervos audiovisuais.

Ao longo dos anos, a instituição serviu como porta de entrada para estudantes descobrirem o audiovisual e seu legado. Para Juliana Noronha, estudante de cinema, “é uma entidade muito importante, e seu fechamento simboliza o que os profissionais dessa área estão passando hoje. Afinal, se eles podem fechar uma instituição tão grande para o cinema, qual é o próximo passo para as demais, como a Ancine?”. Pesquisadores, alunos e professores concordam que, para incentivarmos a cultura de nosso país, precisamos cuidar de seu legado. “A Cinemateca é um local de acolhimento dessa arte no Brasil.”

Além da função de difusão e preservação da sétima arte brasileira, a Cinemateca também restaura arquivos, com acervos particulares de cineastas resguardados sob sua responsabilidade. De acordo com a Lei do Audiovisual, filmes feitos com recursos públicos, devem ser armazenados em suas dependências.

Além de cinéfilos, pesquisadores e frequentadores diversos, o espaço também servia para pesquisas e eventos. Sua sede é localizada em um antigo matadouro tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) e também pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade (Conpresp), o que reafirma o despertar do interesse dos mais variados públicos, com sua importância histórica, assim como arquitetônica.

A instituição tornou-se cada vez mais sucateada, desvalorizada e menosprezada por governos e pela população, assim como outras instituições culturais do país, como, por exemplo, o Museu Nacional do Rio de Janeiro. É motivo de preocupa-



© Rafaela Reis Serra

A Cinemateca Brasileira fechada ao público

ção com filmes compostos por nitrato de celulose, que podem entrar em autocombustão caso não sejam mantidas as condições de refrigeração, a Cinemateca pode ter um destino ainda mais trágico. Em 2016, o último e quarto incêndio em sua história resultou na perda de mil rolos de filmes. Vale ressaltar que, com a chegada da pandemia, não houve um sinistro acerca das possíveis obras perdidas com a enchente do galpão da Cinemateca na Vila Leopoldina, no começo de 2020.

Na visão da pesquisadora da Cinemateca, Eloá Chouzal, a primeira grande crise da instituição se iniciou quando Marta Suplicy assumiu o MinC, no governo da presidente Dilma Rousseff. A então ministra, junto com o secretário de audiovisual, Leopoldo Nunes, fizeram uma acusação de fraude contra a SAC, que administrava a instituição na época: “Teve uma grande crise na Cinemateca em 2013. Quando a Marta era Ministra da Cultura, ela fez uma devassa na Cinemateca e demitiu um monte de gente, [...] acusados de má administração e coisa do gênero, que muita gente diz que nunca foi [algo] comprovado”.

Na época, a redução do quadro de funcionários foi superior a 50%, tendo então sua primeira grande crise, que foi se perpetuando durante os anos, já que não houve mais a autorização para grandes projetos e todo o esforço foi voltado para a preservação do acervo ali existente.

Em 2018, a Acerp assumiu a gestão meio à crise administrativa. Segundo Chouzal, “fizeram uma gambiarra no contrato”, pois a Organização Social (O.S) não poderia ganhar dois editais, uma vez que a Acerp já tinha um acordo com o MEC, de 2015, para gerir a TV Escola. Foi um aditivo no contrato original, que ao invés de terminar o acordo em 2019, passou para 2021.

O ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, não quis renovar o contrato da Acerp, que finalizou em dezembro do ano passado. Desse modo, a Cinemateca ficou sem gerenciamento oficialmente. “A Acerp continuou

na Cinemateca como se tivesse em um contrato. Mas no fim de abril ela não tinha mais dinheiro e o governo não pagava, não reconhecia e não fazia nada”, afirma Chouzal. Segundo a pesquisadora, a Roquette Pinto entrou em colapso e parou de pagar os funcionários e as contas de manutenção do local e de infraestrutura. A Cinemateca foi mantida pelos funcionários, que continuaram a trabalhar durante a pandemia de maneira voluntária.

Após a confirmação do fim contrato com a Acerp, o governo alegou não haver tempo para contratar uma nova O.S. Em agosto deste ano, quando técnicos do MTur tomaram posse da Cinemateca e pegaram as chaves do local, junto com a Polícia Federal (PF), havia protestantes na entrada da Cinemateca, inclusive Chouzal. No dia que a PF estava lá, que eu vi lá fora os trabalhadores chorando. Eu achei aquilo um absurdo, pegar as chaves da Cinemateca usando a polícia, chegar com metralhadora dentro de um aparelho cultural. Eu nunca pensei que pudesse ver aquilo na minha vida”, revela a pesquisadora.

Após o incidente em 12 de agosto de 2020, a Acerp informou aos funcionários o encerramento de seus contratos de trabalho. O Contraponto procurou o Mtur quanto ao futuro da Cinemateca, e em nota, informou que irá realizar chamamento público para definição de uma nova organização, e que o edital deve ser publicado em breve: “A Pasta já viabilizou uma série de contratos que garantem a continuidade da prestação de serviços fundamentais para o trabalho desenvolvido pela instituição. (...) Sobre o contrato com a Acerp, é importante esclarecer que o encerramento do contrato de gestão foi tomado por decisão do Ministério da Educação e o aproveitamento dos seus colaboradores será de responsabilidade da nova organização a ser escolhida pelo chamamento público.”

LINGUAGEM NEUTRA: DISCUSSÕES E PERSPECTIVAS

Por Alexa Reichmann,
Camila Barros, Júlio Cesar Ferreira
e Sabrina Legramandi

Nos últimos anos, as redes sociais viram-se intensificar, por parte de grupos feministas e LGBTQIA+, a crítica do uso de pronomes como forma de perpetuação de opressões e apagamento de identidades. Os questionamentos se devem ao fato de, na língua portuguesa, o plural assumir a forma masculina quando há substantivo feminino e masculino, mesmo se mais agentes femininos estiverem envolvidos em determinada situação. Em uma sociedade que apaga da história as experiências e conquistas das mulheres, essa norma gramatical foi interpretada como mais um sintoma do machismo.

Além disso, pessoas não-binárias (que não se identificam nem com o gênero feminino nem com o masculino) conflituam com o formato binário da língua, e não se sentem incluídas por ela.

Argumentando que a linguagem tem sua dimensão política de reprodução de poder e violência, esses grupos formularam – e vem formulando – diversas maneiras de se sentirem representados pela língua portuguesa: a chamada linguagem neutra adquiriu formatos distintos, com propostas que vão desde a elaboração consciente de frases para incluir todos os gêneros (nesse caso, ao invés de se dizer “alunos”, se diria “estudantes”, por exemplo) até a reestruturação gramatical que a aboliria a distinção binária de gênero nas palavras.

Para a linguista Paula Nunes, professora e coordenadora do programa de mestrado em estudos de linguagem da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), a discussão de representatividade na linguagem veio à tona no primeiro governo Dilma. “Como uma mulher nunca havia sido presidente, Dilma fez questão de marcar linguisticamente o protagonismo feminino na sociedade, sempre começando os discursos referindo-se ‘às brasileiras, aos brasileiros’.”, pontua Paula.

Paula afirma que a língua portuguesa é acusada erroneamente de ser excludente com mulheres ao ter suas generalizações no masculino – como, por exemplo, para referir-se a um grupo de três advogadas e um advogado, diria-se na norma padrão “os advogados”. Ela explica que, no português, o gênero excludente é o feminino, pois ele só abarca mulheres, e o masculino contempla a todos. “A chave de interpretação de quem vê isso com maus olhos é histórica e nada tem a ver com a estrutura linguística do idioma. Os preconceitos que as mulheres sofrem não são originários linguísticos.”, diz.

Na contramão das críticas à linguagem neutra, há quem a defenda como uma forma de existência e identidade: são as pessoas trans não-binárias. Por não se identificarem com um gênero normativo, essas pessoas defendem o uso da linguagem como forma de tornar visível a sua identidade: “As pessoas não-binárias ainda não são tão bem vistas e aceitas na comunidade trans e LGBTQIA+ em geral”, lembrou a estudante Sam Karst, 17, em entrevista ao **Contraponto**.

Propostas de adequação da linguagem surgem para atender necessidades de identificação



© Edição por Julio Cesar Ferreira

Bandeira do não-binarismo

Sob outra perspectiva, ela ainda aponta que “cada pessoa trans lida com o seu corpo de um jeito: não há regras. Assim, ela pode escolher o mesmo pronome que já usava ou pode mudar completamente”.

A discussão sobre a utilização de pronomes neutros ainda é considerada algo presente majoritariamente no âmbito das redes sociais. Acerca disso, Sam afirma que há certa dificuldade para que ela seja utilizada no cotidiano, mas a solução seria “ir aos poucos” e “começar a normalizar no coletivo”.

Ao contrário de Sam, Paula Nunes não apoia o uso de linguagem neutra, pois ainda não temos a mudança social efetiva para com os gêneros: “O movimento pró linguagem neutra incorre no erro de pensar que a língua transforma a sociedade e não o contrário. A língua reflete e refrata o corpo social, portanto não pode-se mudar a gramática na esperança de ocorrer uma revolução. A linguística é sempre descritiva, jamais prescritiva.”

A linguagem neutra também gera debates em relação a sua aplicabilidade e acessibilidade. O principal é a utilização de “x” ou “@” na construção de palavras, como “amigxs” ou “amig@s”, pois aplicativos de leitores de tela não conseguem ler e identificar uma leitura, semelhantemente com a pronúncia. Por esse motivo, há quem defenda a utilização de “u” e “e”.

A acessibilidade da linguagem neutra não deve pautar-se somente em pessoas com deficiências ou disléxicas, mas também em semianalfabetos e, como defende Sam, “seria necessária uma mudança no sistema educacional. Todos deveriam passar a ter acesso a uma educação básica e de qualidade”. Ela acrescenta que “assim como a Libras, a linguagem neutra deveria ser ensinada nas escolas desde a infância”.



© Reprodução

Suco da marca “do bem” usa a linguagem neutra em sua embalagem

A questão da neutralidade da língua abarca desde a gramática até problemáticas da sociedade e existência individual. É necessário contribuir, assim, para que o debate se torne acessível e ajude toda a população a pensar sobre a política e a construção de identidades – até que ponto é plausível a mudança na linguagem e “qual seria de fato o nosso interesse em mudar isso?”, como aponta Paula.

BEIRUTE EM CHAMAS: EXPLOSÃO EXPÕE CAOS INSTITUCIONAL NO LÍBANO EM MEIO A AJUDA HUMANITÁRIA

Por Daniel Gateno, Daniel Seiti Kushioyada, Hussein Al-Saiegh Moussa e Ligia de Toledo Saicali

A cidade de Beirute, capital do Líbano, entrou em colapso no início de agosto. Uma carga de 2.750 toneladas de nitrato de amônio estava armazenada de maneira incorreta no porto da capital levantina. O material explodiu, ferindo mais de 6 mil pessoas e matando 182.

A crise institucional e política atingiu seu apogeu após a explosão. A atual classe política libanesa foi formada com o fim da Guerra Civil (1975-1990) e permaneceu no governo sem grandes alternâncias de poder, apenas com conflitos entre os blocos religiosos que dividem os cargos e algumas disputas internas. Entretanto, a caótica situação gerada pela corrupção endêmica e ampliada pela catástrofe em Beirute, fez com que a população saísse às ruas para pedir por uma reforma política total, ocasionando uma série de renúncias e demissões no governo.

Entre as renúncias, está a do primeiro-ministro, Hassan Diab, com a demissão de todo o seu gabinete; a dos ministros da informação, do meio ambiente e da justiça e de ao menos 10 parlamentares. O Presidente Michel Auon já declarou que não renunciará. Um dos medos da população libanesa é que, com a instabilidade política e o clima de primavera árabe, se inicie uma nova guerra civil no país.

Em 1942, sob mandato francês, foi instaurado o sistema político confessional no Líbano, em que o poder passou a ser distribuído por cotas entre as principais religiões, determinando que o cargo de presidente deveria ser ocupado por um cristão maronita; o de primeiro-ministro, por um muçulmano sunita; e o de presidente do parlamento, por um muçulmano xiita.

Através de manifestações populares, em 1943, o Líbano conquistou sua independência; no entanto, as tropas francesas deixaram o país somente três anos depois. As décadas seguintes foram prósperas para a economia libanesa, principalmente para sua capital, Beirute. No fim da década de 60, a região sul do país foi ocupada por refugiados palestinos que fugiram das zonas de conflito com israelenses.

Entre os anos de 1975 até 1990, ocorreu uma Guerra Civil no país, que sofreu intervenções externas dos Estados Unidos e da Síria. Nesse período foi fundado o Hezbollah, que, na época, era uma milícia de resistência à ocupação israelense no território libanês. Atualmente, o grupo xiita é um partido político e é considerado uma organização paramilitar que tem o Irã e a Síria de Bashar al-Assad como principais aliados geopolíticos.

“O Hezbollah é a principal força política e paramilitar do Líbano. Atualmente não há governo no país sem a participação do grupo que representa a agenda iraniana”, afirma Jaime Spitzcovsky, jornalista e ex correspondente da *Folha de S.Paulo* em Moscou e Pequim em entrevista ao **Contraponto**.

O jornalista avalia que o Hezbollah está sob pressão no campo político libanês por conta de sua importância: “Recai sobre o Hezbollah a maior parte da cobrança em relação a crise política e econômica que assola o país desde antes da explosão em

França lidera esforços para reconstrução do Líbano com a ajuda do Brasil; Beirute vive crise política e social



Manifestantes protestam em Beirute, capital do Líbano após a explosão que feriu mais de 6 mil pessoas

© Bilal Hussein

Beirute”. Spitzcovsky complementa que o futuro do Líbano está entre duas possibilidades, uma mais próxima do ocidente, representada por França, Estados Unidos e Arábia Saudita e a outra simbolizada por Hezbollah, Síria e o regime iraniano.

A França protagonizou os esforços humanitários devido a tragédia na capital libanesa. O presidente Emmanuel Macron foi o primeiro líder a visitar o país do Oriente Médio após a catástrofe e convocou uma conferência virtual que contou com a participação de diversos países para organizar uma ajuda humanitária e financeira ao Líbano.

Paris e Beirute tem ligações históricas por conta do mandato francês no país. “A França e o Líbano têm laços históricos, principalmente com a comunidade cristã maronita. Além disso, Macron está com pouco prestígio político internamente após as eleições municipais na França, por isso ele precisa ganhar apoio com iniciativas que reforcem um maior protagonismo francês na esfera internacional”, analisou o ex correspondente da *Folha de S.Paulo*.

Após a explosão na zona portuária de Beirute, o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, promoveu o envio de uma missão humanitária ao Líbano, e atribuiu ao ex-presidente Michel Temer – descendente direto de libaneses – a responsabilidade de liderar a missão, ocorrida entre 12 e 15 de agosto. O restante da comitiva contou com outras figuras políticas libanês-brasileiras de destaque, como o presidente da Fiesp e Ciesp, Paulo Skaf (MDB), o senador Nelsinho Trad (PSD-MS), além de empresários e militares, que viajaram em um dos dois aviões da Força Aérea Brasileira (FAB) utilizados na missão; no outro, eram transportadas toneladas de alimentos e equipamentos médicos.

Gustavo de Oliveira Coelho de Souza, professor do Departamento de Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), resalta a relevância no ato de delegar Michel Temer para a tarefa. “É muito simbólica a ida do Temer. Inclusive, a gente até brinca que em São Paulo nós temos vários clãs libaneses que

controlam a política, [como] a família Haddad, Temer, Alckmin, Kassab, uma presença forte nos vários espectros políticos como o PT, o MDB, sendo representação dessa migração em São Paulo”.

Os laços entre o Brasil e o país levantino se consolidaram com a chegada da primeira onda migratória libanesa, no final do século XIX, e se fortaleceram em 1920, com a abertura do primeiro Consulado. Hoje, concentrada em regiões do Nordeste, como Recife e, principalmente, na capital paulista, a comunidade libanesa que vive no Brasil – composta de nativos e descendentes – é, aproximadamente, o dobro da quantidade de libaneses vivendo no próprio Líbano.

A maioria dos imigrantes dessa comunidade construída no Brasil possui o cristianismo ortodoxo como religião adepta. O professor explica que a possibilidade de migração pelos libaneses cristãos-ortodoxos ao Brasil estava atrelada à sua condição financeira e maiores recursos.

“Esses sírio-libaneses que vieram para São Paulo eram os mais ricos, os comerciantes. Então, eles se destacaram na sociedade paulista, na sociedade brasileira, constituindo esses atos fortes como o Hospital Sírio-Libanês, a presença dos clubes, como o Monte Líbano, da comunidade sírio-libanesa ortodoxa”, afirma Souza. “Não só vieram cristãos, vieram também libaneses muçulmanos, mas talvez em menor número ou com menor expressão e presença social.”

Quando questionado se a missão trata, estrategicamente, de um duplo engajamento eleitoral para 2022, tanto com a comunidade libanesa no Brasil, quanto com o centrão, o acadêmico não descarta a possibilidade. “Bolsonaro utilizou de forma oportunista a crise causada pela explosão do porto como uma forma de se apresentar como uma liderança mundial, enviando um ex-presidente de origem libanesa para mostrar os laços e, sobretudo, conquistar o voto da comunidade libanesa no Brasil”, pontua. “Mas, de qualquer forma, toda ajuda é importante e tem que ocorrer.”

DONALD TRUMP E JOE BIDEN: O QUE ESPERAR DA ELEIÇÃO MAIS IMPORTANTE DA ARENA POLÍTICA GLOBAL

Por Camilo Mota, Giovanna Colossi, Manuela Pestana e Sarah Catherine Seles

Marcada para ocorrer em 3 de novembro 2020, a eleição presidencial dos Estados Unidos influencia não somente os próximos quatro anos para os cidadãos norte-americanos, como atrai também os olhares de políticos do mundo todo devido à sua influência. O primeiro mandato de Donald Trump, iniciado em 2016, ocorreu diante da ascensão planetária da direita nacionalista e Joe Biden, ex-vice-presidente de Barack Obama, é o opositor democrata de visão moderada que pode atrair eleitores mais centristas e independentes. A crise causada pelo novo coronavírus e como ela será administrada pode ser a chave para antecipar o resultado da eleição mais importante do ano.

Economia

Com a reeleição praticamente garantida até o início do ano, Trump, apesar dos escândalos e crises diplomáticas, havia conseguido impulsionar a atividade econômica americana ao obter a aprovação do pacote de redução de impostos corporativos, o que gerou a menor taxa de desemprego da história. A economia foi praticamente a mesma do governo Barack Obama, com lento crescimento. Entretanto, a pandemia do novo coronavírus mudou o cenário e hoje, o candidato democrata, Joe Biden, está a nove pontos percentuais à frente de Trump nas pesquisas de intenção de votos. O porquê? Os Estados Unidos atingiram o maior índice de desemprego desde a grande depressão de 1930, com baixas perspectivas de uma recuperação rápida. Vencerá quem conseguir convencer o eleitorado sobre a melhor maneira de administrar a crise econômica e sanitária causadas pela pandemia.

Polêmicas

Marc Bassets escreve para o *El País* e marca a posse do republicano: "Com Trump, a onda populista que atinge as duas margens do Atlântico se instala no núcleo do poder mundial".

Semelhante ao que se observou nas eleições brasileiras de 2018, que elegeram o presidente Jair Bolsonaro, aliado de Trump, o norte-americano consagrou sua vitória em 2016 diante de um país extremamente polarizado, e, portanto, governa e discursa a fim de agradar um eleitorado específico, conservador e incrivelmente devoto. Trump assumiu a administração desenhando um cenário de caos dentro dos EUA, que somente suas políticas "prioritárias" aos interesses estadunidenses seriam capazes de sanar. Assim, desenvolveu-se como uma figura controversa, de alguma forma obsessiva pela supremacia norte-americana, e com tom unilateral e isolacionista.

Com o desenrolar de seu primeiro mandato, sua popularidade e favoritismo foram comprometidos, fruto não apenas da pandemia de COVID-19 e seu negacionismo, mas devido também ao desgaste que sofreu durante todo o mandato, marcado até mesmo pela abertura de um processo de impeachment.

Em meio à crise sanitária causada pela pandemia do novo coronavírus, norte-americanos se preparam para escolher seu novo líder diante de manifestações, crise econômica e polarização



Biden e Trump, com seus respectivos vices (Kamala Harris e Mike Pence), disputam à presidência dos Estados Unidos

© Gage Skidmore e www.slon.pics/freepik - Montagem: Sarah Catherine Seles

Vidas Negras Importam

"Não consigo respirar", a frase dita repetidamente por George Floyd, durante os 8 minutos e 46 segundos em que foi sufocado pelo joelho do policial branco Derek Chauvin, ecoou pelo mundo e iniciou a maior onda de protestos já vista pelo fim da militarização da polícia e o racismo sistemático enfrentado pela população negra. A morte de Floyd, uma dentre as centenas que ocorrem no país, foi o estopim para o levante popular que, organizado com o movimento "Vidas Negras Importam", passou a exigir igualdade de direitos, na saúde e na economia, além do fim da brutalidade policial e da desigualdade racial – tudo em plena pandemia. Os protestos, muitas vezes violentos, já duram meses, e ganham novo fôlego diante de outros casos de brutalidade, como o de Jacob Blake, baleado sete vezes, apesar de não apresentar perigo para os policiais, fizeram com que as reivindicações se tornassem chave essencial para as eleições.

Trump chama as manifestações de "símbolo de ódio" e parece apostar na ideia de que os movimentos que têm tomado as ruas vão levar os eleitores pró-polícia para o seu lado. O atual presidente não tem poupado palavras para criticar as pessoas que vão às ruas. Biden, por outro lado, apesar de não defender o corte de recursos da polícia, se solidarizou e se mostrou escandalizado com casos de abuso policial que tomaram os noticiários do mundo. Pediu investigações, reforma na polícia e escolheu uma mulher negra como parceira de chapa, a senadora Kamala Harris.

No entanto, de acordo com o professor do departamento de jornalismo da PUC-SP, José Arbex Júnior, Harris "atrai (a população negra e latina), inclusive como um voto de protesto contra a política racial dos Estados Unidos".

"Ela é do establishment democrata, que representa uma burguesia negra. Assim como Obama não mudou grande coisa, ao ser eleito como o primeiro presidente negro, ela como a primeira mulher negra na vice-presidência pode até ter um impacto mais ou menos simbólico", acrescentou o professor.

Voto Indireto

A eleição indireta, legada da Constituição de 1787, não é de fácil compreensão. O processo em si, inicia-se geralmente um ano antes das eleições, sendo três os principais eventos que marcam o trâmite eleitoral: as eleições Primárias (Prévias e Caucus), Convenções Partidárias e Eleições Gerais. Neste ano, o processo iniciou-se em fevereiro devido à pandemia.

Primeiro, há a indicação partidária e depois são definidos os pré-candidatos pelo voto dos correligionários (filiados). Posteriormente, inicia-se o colégio eleitoral, onde os cidadãos escolhem os delegados que irão lhes representar nas eleições gerais. Alguns estados decidem nas urnas (primárias); já outros, em Caucus (assembleias públicas). A regra "O vencedor leva tudo" é a que prevalece. Na prática, como o número de delegados é proporcional à população do estado, se metade da população mais um votar em determinado candidato, ele recebe os votos de todos os delegados. Por isso estados mais populosos são os mais importantes. Um deles, a Califórnia – com 39.512.223 habitantes –, que tem 55 delegados, juntamente com outros 10 estados (do total de 50) com maiores populações, podem definir a eleição. Após esse trâmite e as convenções partidárias, para ser eleito, o candidato precisa de 270 votos do total de 538 delegados.

GERAÇÃO ELEITA: A ERA PÓS-BOLSONARO

Por Amaury Santana
e Maria Luiza Marinho

A juventude sempre esteve envolvida com a política. Nos anos 60, protestos contra governos autoritários e ditatoriais se popularizaram nas ruas de diversos países. A mudança veio com a ascensão do movimento hippie, e sua conscientização popular tomou forma a ponto de seus integrantes serem considerados pioneiros na luta política, conseguindo o fim da Guerra do Vietnã (1955-1975) e abrindo os bastidores da cortina racista e fascista dos governantes vigentes.

No Brasil, não foi diferente: por diversas vezes, revoltas e movimentos de contestações sociais e políticas eram de vozes que ainda se encontravam em sua mocidade. Em 1968, os 100 mil eram diferentes do que temos hoje. Homens e mulheres pediam o fim da ditadura na cidade maravilhosa, e o Rio de Janeiro ficou inundado de revolução. O movimento “Diretas Já” foi, sem dúvidas, fundamental para a redemocratização do país, quando em 1984, com cartazes e petições, os universitários ganharam destaque na luta que marcou a história tupiniquim.

Quando um jovem decide embarcar nesse contexto os olhares são demasiadamente duvidosos, já que estamos tão acostumados com figuras prontas, de cor e gênero que estão há tempos no poder. Ser ou não ser politizado é uma decisão, assim como o voto durante eleições.

A pré-candidata a vereadora de São Paulo, Keit Lima, não vê um futuro diferente sem jovens na política. “Não é um rolê fácil. Só tem esperança se nós pegarmos nossa responsabilidade”, afirma. Ela também ressalta a importância das eleições municipais: “não temos mais tempo para não fazer nada, precisamos de líderes. Está na hora de reagir”.

Keit é formada em Administração e cursa Direito na USP. Mulher, negra e moradora da Brasilândia, ela fala sobre a importância das políticas públicas e do voto nas eleições municipais. “Política é um lugar pra geral, e a minha pré-candidatura é um compromisso com a comunidade”, diz Keit.

A pré-campanha eleitoral da aspirante a vereadora tem sido sustentada por voluntários. “Não envolve grana, então a galera está ali por amor, por querer mudar mesmo”. Quando questionada sobre suas ideias e regras para a equipe, Keit brinca: “eu digo pra galera que não tem regra. A gente tá construindo junto e eu vou construir com a sociedade civil”.

Simone Nascimento, ex-aluna de Jornalismo da PUC-SP, lamenta a falta de contato com o público. Devido à pandemia, sua pré-campanha está sendo realizada de forma online. “Já tinha feito uma candidatura antes, mas de forma militante”, comenta a jornalista. “Não é nada fácil não poder se reunir com as pessoas, conversar perto, estar na rua. É a grande diferença do PSOL, além do programa, temos como princípios não se comprar voto nenhum, a militância faz por convicção e por esperança”, e acrescenta: “a pandemia é um desafio. Como o povo mantém a luta pela sobrevivência (ao vírus) se estão lutando contra a fome, o desemprego, a violência?”.

“Política é um lugar pra geral, e a minha pré-candidatura é um compromisso com a comunidade”



Da esq.-dir.: Viviane Reis, Fernando Carneiro, Simone Nascimento e Keit Lima

© Acervo pessoal dos candidatos - Montagem: Sarah Catherine Seles

Simone não esconde seus ideais. Foi bolista e lutou por políticas de permanência mais democráticas que igualasse os estudantes, já que a discrepância pode ser muito notória para quem habita um ambiente carregado de veias elitizadas; a luta pela descolonização dentro da academia é diária. “Acho que precisamos entender que São Paulo somos nós, então, seremos a mudança.”.

A política brasileira é de fato oligárquica. O surgimento de novos candidatos incomoda a narrativa retrógrada ao trazer, além do público feminino, negras e trans.

Há vinte anos, ter a deputada e educadora Érica Malunguinho no Senado não estava nem no mais onírico devaneio progressista. Ainda há muita dificuldade no processo de candidatura, porque além de não serem (ainda) figuras “conhecidas”, o nepotismo dentro da câmara afasta-os da eleição.

“É necessária uma tomada de poder, de quem realmente vai representar. Precisamos organizar nossa indignação”, afirma Simone. A pré-candidata ainda revela estar cansada de ver sempre os mesmos rostos na política: o neto que ocupa o lugar do filho, que ocupa o lugar do pai, mostrando essa deficiência democrática que é a circulação de poder. “Acho que o estopim para eu entrar na política foi a falta de alguém que realmente me representa. Não dá pra negociar com a direita”.

Esses jovens se viram em uma situação de revolta, sedentos por mudanças, e sabem que precisam mudar. Movimentos como Renova Brasil, Vamos Juntas, e outros, que impulsionam

jovens dentro da política. “Nenhum dos que eu participei deu verba”, comenta Keit, “mas serve como incentivo, um lugar de conexão pra fazer sua própria política”.

Assim, a História mostra que não é preciso ser filiado a um partido político para estar engajado. Isso vai muito além de siglas e números. Um exemplo é a pré-candidata a vereadora do PSOL e uma das fundadoras do coletivo feminista “Juntas”, Viviane Reis.

“A minha militância, o meu engajamento político veio de engajamento voltado pro meu bairro, pra igreja, pras necessidades ali que pra gente eram mais urgentes”, afirma Viviane. A pré-candidata ressalta a importância da renovação política contra as oligarquias: “Quando falamos de juventude na política, queremos que sejam os Silva, os Costas, a galera que não tem sobrenome famoso”.

O vereador belenense, Fernando Carneiro, defende outro modelo, visto que há uma distância entre a população e os representantes: “Eu defendo que precisamos construir outras formas de representação mais direta. Conselhos por bairro, eleitos pela população, de rua, de distrito, até que se forme um conselho da cidade”.

Keit conclui: “acredito em Carolina Maria de Jesus quando disse que ‘O Brasil só vai dar certo quando alguém que já passou fome estiver no poder’. Então para mim, há esperança”. Parece utópica a ideia de um futuro melhor, mas a Era Pós-Bolsonaro está mais próxima do que imaginamos, e a decisão está na ponta dos nossos dedos.

CENÁRIO DAS ELEIÇÕES À PREFEITURA DE SÃO PAULO

ESCANCARA CRISE NA ESQUERDA

Por Eduarda Magalhães,
Giovanna Colossi,
Isabela Mendes dos Santos e Raul Vitor

Primeiro pleito pós Reforma Eleitoral tende a eleger um candidato de direita, apesar dos novos postulantes progressistas, como Guilherme Boulos e Orlando Silva

As eleições municipais de São Paulo estão marcadas para acontecer no dia 15 de novembro. A lista de pré-candidatos ao cargo de prefeito de São Paulo possui nomes já conhecidos pelos paulistanos e, diferente da última eleição, ocorrida em 2016, na qual a disputa pela prefeitura se polarizou entre Fernando Haddad (PT) e João Dória (PSDB), o cenário deste ano é pulverizado e conta com aproximadamente 18 pré-candidatos.

Entre eles, destacam-se o atual prefeito da cidade de São Paulo, Bruno Covas (PSDB) que é economista e advogado, já foi Deputado Estadual pelo PSDB (2007-2015) e Deputado Federal entre 2015 e 2016, renunciou o mandato para se tornar vice-prefeito de São Paulo em 2017; Celso Russomanno (Republicanos), Deputado Federal desde 1995, jornalista especializado em defesa do consumidor; Guilherme Boulos (PSOL), uma das principais figuras da luta do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e candidato das eleições presidenciais de 2018; Márcio França (PSB), ex-governador de São Paulo de 2018 a 2019, após a renúncia de Geraldo Alckmin (PSDB); Arthur Do Val, youtuber mais conhecido pelo pseudônimo Mamãe Falei, empresário e um dos principais líderes do MBL, tendo sido o Deputado Estadual mais votado de São Paulo em 2018.

Essa será a primeira votação após o pleito presidencial/governamental de 2018, que deu luz ao bolsonarismo. Dentre os cinco pré-candidatos que lideram a mais recente pesquisa de intenção de voto, realizada pelo jornal Gazeta do Povo, no final de agosto, nenhum é ligado às legendas do PT ou do PSL, que disputaram o segundo turno pela presidência há dois anos atrás.

A lista conta com postulantes de diversos partidos. Como Orlando Silva, candidato do PCdoB, que, após anos de apoio ao PT, se lançou ao pleito municipal pela primeira vez. Isso mostra não só um enfraquecimento do Partido dos Trabalhadores na capital, mas também as consequências da Reforma Eleitoral de 2017, que impede coligações e força partidos menores a lançarem um candidato à prefeitura como chance de conseguir votos na Câmara Municipal.

No cenário previsto pela pesquisa da *Gazeta do Povo*, Jilmar Tatto, candidato lançado pelo PT, aparece em 7ª lugar, com 2,3% das intenções de voto. Enquanto isso, Joice Hasselmann, do PSL, perfoma em 11ª, com apenas 1% das intenções. Após os conflitos entre a legenda e Bolsonaro, que se desvinculou do partido, em 2019, não surpreende que o PSL tenha dificuldade para emplacar um candidato à altura da disputa, já que, sem o presidente, volta a ser nanico fora de Brasília.



Candidatos para prefeito de São Paulo em 2020

© Reprodução: Shutterstock/Twitter/pt.org

No entanto, a performance do PT pode ser considerada uma surpresa. Há tempos o partido não ficava de fora dos favoritos. Especialistas acreditam ser improvável a atuação do ex-presidente Lula para mudar esse cenário. Isso porque o líder do PT chegou a afirmar, em fevereiro, que o desejo do partido era que Haddad se candidatasse. O Partido dos Trabalhadores, contudo, publicou um comunicado afirmando o apoio a Jilmar Tatto. A debandada de eleitores petistas para o candidato do PSOL e a baixa intenção de votos em Tatto, porém, mostra as poucas chances de segundo turno do PT.

Do lado do PSL, a situação é parecida. Bolsonaro, atualmente sem partido, não lançará ninguém à corrida eleitoral da capital paulista. Desta forma, o caminho está aberto para Bruno Covas, do PSDB, atual prefeito de São Paulo, que lidera grande parte das pesquisas de intenções de voto e é o candidato que mais possui alianças. Ao todo, o pré-candidato já possui acertos com oito legendas. São elas: MDB, DEM, Podemos, PSC, PL, Cidadania, PROS e Progressistas.

De acordo com o professor Lúcio Flávio, que ministra aulas de ciências políticas na PUC-SP, isso é um reflexo do descolamento do PT de amplos setores da periferia paulista. "O Partido dos Trabalhadores passou por grandes transformações em sua inserção social, com a afluência de quadros de classe média e vínculos com frações burguesas, especialmente a burguesia interna. Isso ao mesmo tempo em que a presença proletária e semi-proletária se reduzia, com imensa velocidade. O resultado foi a crescente perdas de vínculos com os amplos setores da periferia, espaço que foi ocupado por forças de direita, especialmente ligadas a correntes

religiosas vinculadas à chamada teologia da prosperidade", explicou.

Embora as chances reais de um candidato à esquerda tomar posse em 2021 sejam pequenas, há quem se destaque. É o caso de Guilherme Boulos, que aparece em 6ª lugar na pesquisa, com 6,2% das intenções de voto. Para Lúcio Flávio, o candidato do PSOL, que coordena o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e a Frente Povo Sem Medo, é capaz de angariar votos petistas.

"O PT deu um passo errado ao apostar em um membro do grupo dos "notáveis" (expressão de Maurice Duverger) para disputar a prefeitura de São Paulo, tradicionalmente considerada estratégica por esse partido. A rejeição a essa candidatura tem sido expressiva e diversos quadros petistas tendem a apoiar a candidatura Boulos. Esta tendência se amplia em razão da combatividade demonstrada pela chapa Boulos/Erundina, que se destaca pela capacidade de mobilização de massas", avalia o professor.

No entanto, Lúcio Flávio ressalta que, por mais que o PT apoie a chapa de Boulos, a tendência é que o partido não transfira votos. Isso porque a cúpula petista deve direcionar esforços para preservar a própria legenda, que aparenta estar perdendo o rumo. Além disso, o professor alerta para um possível isolamento da esquerda. "No passado recente, eleições municipais tem sido palco das alianças mais estapafúrdias com setores da direita, o que se contrapõe a pequenos grupos que, por recusarem alianças táticas com setores de centro-esquerda em defesa da democracia, correm o risco de se isolarem ainda mais", afirma.

A REALIDADE DOS ENTREGADORES DE APP

Por Inara Novaes,
Isabella Pugliese Vellani,
Laura Augusta e Maria Sofia Aguiar

Em decorrência da crise desencadeada pela pandemia do novo coronavírus, o número de desempregados do Brasil aumentou em 21%, totalizando 12,8 milhões de pessoas, segundo dados do IBGE. Sem renda, muitos desses trabalhadores migraram para os aplicativos de entrega. O número de novos cadastros no iFood, por exemplo, ultrapassou os 480 mil, entre março e junho. A Rappi, por sua vez, registrou um aumento de 128% no interesse de pessoas que queriam fazer entregas, conforme dados divulgados pela Jovem Pan, em abril.

O porta-voz dos Entregadores Antifascistas, Paulo Roberto Lima, mais conhecido como Galo, fez uma denúncia em um vídeo publicado pelo jornal *The Intercept Brasil*, mostrando a realidade dos entregadores durante a pandemia. “Você sabe o quanto é tortura um motoboy com fome tendo que carregar comida nas costas?”. Foi com esse questionamento que Galo deu início à luta por direitos e reconhecimento do movimento contrário à exploração, invisibilidade e precarização de entregadores.

Alguns desses entregadores, que se ariscam diariamente cruzando cidades pelo Brasil para levar comida a inúmeras pessoas, revelaram histórias escondidas por trás das “5 estrelinhas” oferecidas pelos aplicativos, em entrevista ao **Contraponto**.

● **Alessandro Medeiros, 25 anos, Belém-PA**

Por estar desempregado, Alessandro decidiu se tornar entregador usando sua bicicleta, e viralizou na internet com uma foto em que sua filha, Rayna Vitória, de 4 anos, estava o acompanhando no trabalho.

“Muita gente criticou dizendo que eu não devia ‘tá expondo’ [a filha], mas pelo menos eu tava tranquilo que a minha filha ‘tava’ comigo. Meu medo era me acidentar com ela porque tem gente que não respeita mesmo, não ‘tão’ nem vendo. (...) Quando a gente pegava corrida ‘pra longe’, ‘pra dentro’ de ‘locais perigoso’, eu tinha que ir de qualquer forma. Ali era minha renda, então eu tinha que ir. Mas eu ficava muito nervoso, ‘tendeu’? E outra, em relação à saúde da minha filha: sempre o que eu puder fazer ‘pra’ ela, eu faço, (...) eu tinha muito medo do coronavírus ‘pegar ela’. Para os clientes, que ‘critica’ o entregador, eu tenho só a dizer ‘pra ele’: se hoje você recebe sua comida, você tem que dar graças a Deus porque tem um entregador que deixa a família dele pra levar comida ‘pra’ sua. Então, isso é revoltante. E ‘pra’ aqueles que ‘apoia’ a gente, obrigado por apoiar todos os entregadores.”

● **Aline Os, 44 anos, São Paulo - SP**

Decidiu criar o “Señoritas Courier” para que as mulheres e a comunidade LGBTQIA+ realizassem entregas de bicicletas e se sentissem abraçadas e capacitadas dentro de um meio masculinizado.

“A bicicleta veio como uma ferramenta para me tirar da depressão e, um dia, saindo da terapia, eu vi um menino vestido de entregador

De moto ou de bicicleta, eles atravessam a cidade para facilitar nossas vidas, porém são invisíveis para a sociedade



Da esq.-dir.: Alessandro Medeiros com sua filha, Rayra Vitória, Aline Os, fundadora do Señoritas Courier, Matheus Fillipe e Joaquim de Souza

© Reprodução: O Liberal, UOL, Quebrando o Tabu e Acervo pessoal

e eu fui perguntar se aquilo era um emprego viável. Fui trabalhar fazendo entregas, conciliando com o trabalho de professora universitária. Eu pedalava, por dia, uns 90 km, debaixo de sol, chuva. As empresas [de entregas] exploram os entregadores, não dão condições razoáveis para quem faz entrega. A gente presta um serviço para a sociedade e a sociedade não paga isso, a sociedade acha que a gente é uma mão de obra barata. Os entregadores, os bikers, eles deviam ser muito mais exaltados porque prestam este serviço, mas todo mundo olha e fala ‘Ah, isso aí é um trabalho barato. Isso aí é trabalho de pobre’. O que define quem vai fazer entrega é o nível de desespero dessa pessoa. Quanto vale a sua comodidade?”

● **Matheus Fillipe, 26 anos, Uberlândia - MG**

Viralizou na internet por ter postado um vídeo no aplicativo “TikTok”, dando dicas de coisas simples que os clientes fazem que agradam aos motoboys.

“No dia a dia as pessoas não falam ‘boa tarde’, ‘boa noite’, elas não têm o costume de cumprimentar o entregador. Elas já chegam perguntando se tem ketchup, se tem maionese, se trouxe a maquininha. A maioria são grosseiros. (...) Meu colega de trabalho, passou por uma situação que ele chegou na portaria pra entregar o lanche no condomínio e, chegando lá, ele não conseguia entrar em contato com o cliente. Depois de 20 minutos de espera, o porteiro falou ‘pra’ ele subir, quando ele chegou lá, a moça abriu a porta e falou ‘já falei pro porteiro não deixar esse tipo de gente subir aqui’. Mas tem situação que já me deixou feliz: uma vez eu fui fazer uma entrega ‘pra’ uma casa aqui e o pessoal era muito bem de vida. O cliente conversava bastante comigo e eu perguntei ‘pra’ ele como que eu fazia pra conseguir tudo

aquilo que ele conquistou. No final da conversa, ele me deu 20 reais de gorjeta. Mas voltei ‘pra’ casa feliz com uma sensação de importante, tanto pelo dinheiro como pela conversa. (...) É só as pessoas terem um pouco mais de sensibilidade, é uma profissão como qualquer outra. (...) Só não menosprezar o motoboy.”

● **Joaquim Renato A. de Souza, 22 anos – São Paulo – SP**

Homem trans e estudante universitário, começou a fazer entregas por aplicativos há seis meses atrás. Hoje, trabalha com os coletivos Señoritas Courier e o @trans.entregas.

“90% das mulheres trans estão na prostituição, enquanto os homens trans estão no mercado informal, quando não no desemprego. (...) Lembro que a primeira semana de aplicativo que fiz, eu trabalhei a semana inteira, das 9h da manhã à 9h da noite ‘pra’ ganhar 80 reais. (...) No aplicativo, eles não te enxergam quanto uma pessoa, você é só mais um cadastro numa plataforma. Quem gere o seu lucro, o lugar aonde você vai, é um algoritmo. Então, tem uma lógica muito exploratória, uma desvalorização muito grande. Eles sabem que a população ‘tá’ vulnerável e que as pessoas estão com a corda no pescoço. (...) Acho que a nossa preocupação maior de entregador é não poder trabalhar, se ficar com Covid, porque a gente recebe quando trabalha, trabalhador informal é assim (...). É muito foda você ver a injustiça social acontecendo e não concordar, só que muitas vezes você não tem forças para contestar tudo aquilo. É muito mais fácil você seguir o fluxo. Mas aí, quando acontecem essas mobilizações, essas paralisações, essas greves, você encontra com os seus e percebe que você não tá sozinho.”

DAS COLÔNIAS À CONTEMPORANEIDADE: A ELITE BRASILEIRA

Por Carlos Eduardo da Cruz Pires de Moraes, Hadass Leventhal, Isabel Bartolomeu e Pedro Catta-Preta Martins

A cultura escravista que moldou a sociedade brasileira e a falta de elaboração de políticas de integração social pós-abolição remetem à problemáticas sociais dos dias de hoje

No dia 31 de julho, em Valinhos (SP), o contabilista Mateus Abreu Almeida Prado Couto agrediu o jovem entregador de comida do aplicativo iFood, Matheus Pires Barbosa, após o rapaz ter demorado na entrega de seu pedido. O homem o chamou de “semianalfabeto” e o acusou de ter inveja de suas posses e de sua pele branca. A injúria foi filmada por um transeunte e amplamente divulgada nas redes sociais. Infelizmente, essa não foi uma situação atípica ou isolada do cotidiano de pretos e pardos brasileiros.

Não há como negar as raízes históricas que interligam todas essas situações. Durante os quatro longos séculos de escravidão, os povos indígenas e africanos tiveram suas identidades e culturas roubadas e negadas. Os seus corpos foram violados e tratados como mercadoria. A história contada pela visão do colonizador tornou o branco a metáfora do poder, enquanto o negro foi posto como “o outro”, sendo, assim, marginalizado e oprimido pela sociedade brasileira.

O contexto histórico do Brasil expõe a ambivalência de um Estado que, ao definir seus preferidos e seus preteridos, escolheu atender às expectativas da elite e contribuir para a discrepância social no país. Seja por vergonha ou negação do passado, é impossível desviar o olhar das consequências estruturais de um país formado através da exploração, da violência, do genocídio e da escravidão.

De acordo com Lucineia dos Santos, professora do Departamento de Direitos Difusos e Relações Internacionais da PUC-SP, “a condição do negro foi atrelada a muitos conflitos. Muitas situações durante o processo da escravidão, como os refúgios em quilombos, foram obstáculos para os escravagistas, pois, ao contrário do que se menciona nas histórias, os negros não eram pacíficos. Houve um grande número de quilombos e foram muitas as lutas dos quilombolas.”

Como heróis da própria história, o legado dos povos indígenas e africanos se deu pelas diversas formas de resistência – ao longo dos séculos – que manifestavam a recusa da continuidade à privação de direitos e às desigualdades sociais e raciais.

No continente americano, o Brasil país foi o último a decretar a abolição da escravidão, devido a interesses econômicos e políticos. Quando os escravos foram libertos, não receberam nenhum tipo de amparo do governo, pois não foram efetivadas políticas públicas que buscassem reinseri-los na sociedade.

Hoje, essa segregação e preconceito ainda permanecem, com grande parte da população preta vivendo em periferias e favelas, sem acesso a uma educação, saúde e segurança de qualidade. São explorados com baixas remunerações, justamente pela falta de qualificação e pela taxaço de estereótipos, vindos de um racismo estrutural que advém do período escravocrata.

Conforme levantado pelo Instituto Paraná Pesquisas, em parceria com a revista *Veja*, 61% da população confirma que o Brasil é um país racista, e 56,7% afirma que negros e brancos não possuem oportunidades iguais. A professora Lucineia dos Santos ressalta que “o racismo é um reflexo de tudo que foi vivenciado na escravidão e pós-escravidão.”

De acordo com dados disponibilizados pelo IBGE, 56,2% da população brasileira se autodeclara negra. Os levantamentos que utilizam áreas do trabalho e violência como critério comparativo destacam as desigualdades sociais e raciais do país. No mercado de trabalho, o rendimento médio mensal do brasileiro era de R\$2,308. Os pretos e pardos recebem mensalmente uma renda inferior, com cerca de 25,5% a 27,5% de diferença em relação ao rendimento médio. Além disso, ocupam apenas 29,9% dos cargos gerenciais. Os dados da violência são alarmantes: a taxa de homicídio de pretos e pardos, com idade entre 15 e 29 anos, era de 98,5%.

Para o Doutor em História Econômica, Adalton Franciozo Diniz, estes casos recentes de racismo têm relação com o contexto histórico, mas são uma marca “do momento político, que tem dado vazão e deixado as pessoas a vontade para expressar essa antipatia.”

O historiador sublinhou possíveis explicações “a tecnologia permite que você veja esse tipo de ato que, do meu ponto de vista, foi muito corriqueiro. Não necessariamente há um aumento de casos, mas sim de pessoas dispostas e aptas a registrar essas cenas que sempre existiram”.

No entanto, Diniz ressalta que “a atual conjuntura política chancela, avaliza, apoia e empodera esses tipos de atitudes preconceituosas e autoritárias fazendo com que pessoas assim se sintam representadas não só pelo presidente, mas também por pessoas em torno dele”.

O professor conclui dizendo que “uma economia próspera e igualitária cria um ambiente favorável para a democracia, para a tolerância e outros valores morais que consideramos importantes, e é isso que devemos buscar”.

O discurso de ódio que impulsionou Bolsonaro permanece e influencia sua base eleitoral. Há um padrão recorrente de indivíduos inspirados pelas inúmeras ações irresponsáveis do atual presidente da República. Antes de sua eleição, Bolsonaro disse que um quilombola o qual ele visitou “pesava sete arrobas” e, por isso, “nem para procriador ele serve mais”. Sua impunidade é simbólica. Com um presidente racista intocável, seus apoiadores julgam-se livres para reproduzir seu comportamento abertamente.

A elite atual, que se vende como heroína dos oprimidos, se fortalece cada vez mais por temer a ascensão do povo negro. Esse temor fica evidente com as manifestações que ocorreram recentemente, tanto nos EUA, quanto no Brasil. Eles temem perder cada vez mais o manto de protetores e controladores do modo como se enxerga a sociedade. Tanto temem que o presidente estadunidense Donald Trump e o atual presidente brasileiro, Bolsonaro, acusam de fascistas os manifestantes dos atos antirracistas.



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA PANDEMIA: O QUE MUDOU E COMO COMBATER

Por Giovanna Crescitelli,
Natasha Meneguelli e Laís Moraes

Além de ser uma questão de saúde pública, a pandemia da Covid-19 é um choque profundo que deve ser observado pelo olhar das mulheres, culturalmente responsáveis pelos cuidados com a família. Isso porque, entre abril e junho deste ano, no estado de São Paulo, um boletim de ocorrência denunciando casos de violência doméstica foi registrado a cada 23 minutos pela internet.

O isolamento social, considerada a melhor forma de prevenção contra o novo coronavírus, intensifica o contato com os agressores, e o excesso de convívio gera tensões. Em consequência disso, aumentam as chances de surgirem discussões e brigas que podem terminar em agressão. Além disso, as vítimas deparam-se com dificuldades para denunciar seus parceiros em sigilo devido à proximidade constante com o agressor.

“O que nós temos percebido é que essa mudança aconteceu por conta da dificuldade da mulher em ter acesso a alguma estrutura de apoio. Então, ela ficou afastada de pessoas em que ela confia para conseguir sair da violência”, explica Renata Lima de Andrade Cruppi, especialista em Violência Doméstica e Familiar.

Para tentar amenizar essa situação, o Estado de São Paulo passou a permitir o registro de boletins de ocorrência sobre violência doméstica em seu site. O Governo Federal, por sua vez, disponibilizou o aplicativo Direitos Humanos BR, que ensina a registrar queixas de forma segura, no qual a vítima pode anexar arquivos, fotos e vídeos, que comprovam a agressão. No entanto, em ambas as opções, não há nenhum tipo de intervenção ativa, como, por exemplo, a visita de policiais. Isto pode ser a diferença entre morrer ou sobreviver carregando sequelas pelo resto da vida.

Renata é criadora do programa preventivo “Homem sim, consciente também”, em Diadema. Em cinco anos de existência, cerca de 600 homens envolvidos em violência doméstica já passaram por lá. Dentre eles, apenas 3,5% não conseguiram ressignificar seu relacionamento.

Durante a quarentena, esse trabalho preventivo teve que ser interrompido. Agora, Renata estuda criar uma versão online da iniciativa, que possa chegar em outras cidades e estados. “Se conseguirmos adaptar todos os protocolos, vai surtir um efeito bem considerável. Não fizemos isso ainda porque tudo tem um estudo. Temos que prever se realmente esses homens vão aderir ao projeto. Se não aderirem, quais serão as possibilidades que teremos de persuasão?”, questiona.

Os participantes do programa são acompanhados por uma equipe de profissionais, que observam cada um deles para identificar o que está dando certo e o que não funciona. A especialista explica que este é um projeto importante, mas que também possui complexidades. “Qualquer ato que nós fizemos que seja falho, pode prejudicar uma pessoa. Por isso temos todos os protocolos e cuidados, que estão sendo estudados”, explica.

Número de casos nas delegacias reduziram; no entanto, mais mulheres estão morrendo no ano de 2020



© Infográfico: Heió D'Angelo Especial para o Huffpost Brasil



© Montagem: Laís Moraes, Imagens: Reprodução Instagram

o seu entorno e reconhecer a dinâmica de violência, que é cíclica. A terceira pessoa, por sua vez, tem a chance de ouvir quem está vulnerável, com sua integridade ferida ou ameaçada por seus companheiros. Um exemplo acontece no próprio Twitter, onde a maioria dos relatos de violência doméstica foram publicadas às sextas-feiras entre às 20h e 3 horas da manhã.

O Projeto Justiceiras (@justiceirasoficial) é uma iniciativa online, que oferece uma rede de apoio às mulheres nessas condições. Com 18 mil seguidores no Instagram, o perfil recruta profissionais que possam oferecer apoio jurídico, psicológico e assistência de maneira geral às vítimas de violência doméstica.

Já o Instituto Maria da Penha, com mais de 40 mil seguidores na rede, continua a exercer papel fundamental na luta contra essa violência. O perfil é usado como fonte de incentivo e aprendizado sobre o assunto e inclui um projeto de podcast, com o nome do Instituto, visando manter o meio de comunicação aberto, para que a vítima se sinta cada vez mais à vontade para ser sincera sobre a sua situação domiciliar.

Outra iniciativa que surgiu na pandemia é a Campanha Sinal Vermelho (@campanhasinalverme-

lho), que, em parceria com Magistrados Brasileiros e com o Conselho Nacional de Justiça, usa o “sinal vermelho” como uma estratégia para mulheres conseguirem denunciar seus próprios parceiros, de maneira silenciosa e discreta.

O objetivo dessa campanha é que as mulheres vítimas de agressão doméstica se dirijam à farmácia mais próxima de sua residência e mostrem o sinal em suas mãos. Os funcionários da farmácia irão ajudar, simplesmente ligando para o 190. Diversas figuras públicas, como influenciadoras digitais, atrizes, cantoras e cantores, participaram da campanha postando fotos em suas redes sociais com um “X” vermelho desenhado na mão de uma pessoa que teria sido agredida.

Esses exemplos mostram a importância do coletivo em prol da mulher e reflete uma sociedade que, mesmo em distanciamento social, busca alternativas para diminuir o sofrimento dessas vítimas.

GORDOFOBIA ALÉM DA PRESSÃO ESTÉTICA: UMA DISCUSSÃO QUE A SOCIEDADE ESTÁ LONGE DE AVANÇAR

Por Barbara Cristina Silva Barbosa, Julia Nogueira, Sarah Catherine Seles e Vanessa Isabelle Orcioli Mello

Na antiguidade, ser gorda era sinônimo de fartura, riqueza e posição social, ou seja: quanto mais gorda você era, mais alta era sua classe social; e quanto mais magra, mais pobre você era. Hoje em dia, esse pensamento é completamente diferente. Para muitos, ser magra significa que você venceu na vida, que é uma excelente profissional, já que ser gorda, segundo a sociedade, é ser preguiçosa e incapacitada de exercer qualquer tarefa. Os padrões mudam e a pressão estética continua.

Os dois conceitos no centro desse debate são a gordofobia e a pressão estética. Nos últimos anos ocorreu uma ampliação da discussão, contudo, apesar de serem diversos, eles ainda são confundidos entre si. A pressão estética surge a partir de um padrão imposto pela indústria, que dita como as pessoas têm que parecer. Pessoas que sofrem pressão estética não necessariamente sofrem gordofobia; mas, na maioria dos casos, aqueles que sofrem gordofobia sofrem também pressão estética.

Em entrevista ao **Contraponto**, a psicóloga Lydiane Regina Fabretti comentou sobre a relação e o equilíbrio que os seres humanos estabelecem entre o interior e o exterior, e que em “um desequilíbrio muito intenso, como ficar sempre favorecendo o externo e os padrões, torna uma sociedade em que vivemos muito mais unilateral”.

Ao dividir o termo gordo-fobia, é possível compreender melhor seu significado: aversão a pessoas gordas. Essa fobia vai além do bullying. É um problema estrutural, que ultrapassa os comentários ofensivos sobre o corpo gordo. A gordofobia atinge as camadas mais profundas dentro da sociedade, como a falta de acesso a roupas, ao transporte público, ao mercado de trabalho, à saúde mental, etc.

Usar as roupas que deseja é algo praticamente impossível para quem é gordo. Mesmo com o aumento de marcas plus size - cerca de 18% no ano de 2019 segundo dados da Associação Brasileira de Plus Size (ABPS) -, a dificuldade para achar uma peça que sirva ainda é grande, sem contar os preços altíssimos. Foi por esse motivo, e por não achar nada muito bonito ou que servisse, como uma calça jeans, que Amanda de Araújo, 19, começou a costurar suas próprias roupas.

“Eu comecei muito porque via que não tinha nada para mim. Hoje em dia tem mais coisas, tem umas lojas mais legais, que tem peças muito bonitas, mas mesmo assim, percebo que não tem coisas do meu tamanho”, revela. “Eu uso 54/56, vou em uma loja plus size normal e tenho muita dificuldade de encontrar coisas do meu tamanho.”

Desde muito nova, Amanda se depara com essa situação. Aos 14 anos, sair para comprar roupas com sua avó em comemoração do seu aniversário deixou de ser um momento alegre para tornar-se um momento de sofrimento. “Nesse dia, a gente foi fazer as compras normais do meu aniversário, e eu não conseguia achar nada que me coubesse”, diz. “Não era um tamanho tão grande, mas lembro que eu ia

“Eu começava não só a visualizar meu corpo como uma coisa ruim, mas me visualizar como uma coisa ruim”



Releitura da pintura “O nascimento de Venûs”

© Montagem: Sarah Catherine Seles - Sandro Botticelli e Arquivo pessoal

nas roupas que queria e não encontrava nada, tipo nada”.

E sua experiência não é única e isolada, Naiana Ribeiro, 25, jornalista e fundadora da PLUS, primeira revista para gordas no Brasil, também passou por uma situação parecida na época em que fazia aulas de dança. “Eu precisava costurar panos extras na roupa do uniforme de dança, na minha farda, para poder continuar dançando”, conta. Para ela, esses acontecimentos são mais um modo que a sociedade encontrou para excluir os corpos gordos.

O que para muitos pode ser resolvido com uma simples busca em várias lojas de varejo, para Amanda é algo muito difícil de ser realizado. “Eu queria muito um terninho e não tem como, porque os terninhos só vêm até o 48 ou 50 e eu não sei fazer esse tipo de modelagem”, desabafa. “Fico muito triste por causa disso.”

A indústria da moda, por mais atendida que esteja sobre esse assunto, ainda é limitada à elaboração e manufatura de peças para manequins 36 – 46. O quadro ocorre em uma sociedade com 55,7% de sua população acima do peso, segundo levantamento da Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel) de 2018. Mais do que “estar na moda”, trata-se de atender uma necessidade social, de vestir-se e poder conviver em sociedade.

Gordofobia e a saúde mental

Há cerca de 6 meses, a pandemia do novo coronavírus trouxe a quarentena em diversos lugares do mundo. Nas redes sociais, começaram a circular conteúdos em que era transmitida a grande preocupação das pessoas, principalmente de mulheres, com o peso e a comida no isolamento, além dos memes que relacionam uma alimentação exagerada ao processo de engordar. A questão traz luz à importância da pauta da gordofobia na saúde mental dessas pessoas. Ela afeta a sociedade como um todo. Lydiane atendeu uma paciente que pensava: “será que só serei bem sucedida caso emagrecer?”.

“A nossa sociedade tem esse olhar preconceituoso, e isso gera um efeito nas pessoas, é estrutural”, acrescenta ela. “Isso [a gordofobia] mexia muito com a minha cabeça, eu começava não só a visualizar meu corpo como uma coisa ruim, mas me visualizar como uma coisa ruim”.

A nutricionista Letícia Silva, 22, conta que seus pacientes a procuram “querendo uma dieta com resultado rápido” ou perguntando se ela pode “introduzir algum tipo de medicação para auxiliar no emagrecimento”. Ela mostra que é essencial compreender por que as pessoas querem perder peso a todo custo e que é importante “procurar também um psicólogo para ter um tratamento mais efetivo”.

A psicóloga reforça que, “para trabalhar com os prejuízos desses estereótipos e dessa barreira, é muito importante ter espaços de saúde para que as pessoas estejam em grupos que trabalhem com a diversidade”. Desse modo, o papel das influencers, que trazem o debate acerca da gordofobia e da pressão estética e como isso tem importância socialmente, se mostra imprescindível.

É o caso de Naiana, que, através de seu trabalho, alcança muitas mulheres nas redes sociais. Ela aponta que “o movimento gordo ganhou uma visibilidade muito grande na internet e isso foi necessário para que ele aumentasse e chegasse a mais pessoas, [...] porém não existe ainda uma organização política adequada e unida”.



© Arquivo pessoal

Da esq. – dir. Naiana Ribeiro, Letícia Silva, Lydiane Regina Fabretti

O IMPACTO DO CONSUMO DE PORNOGRAFIA NA VIDA SEXUAL DAS MULHERES

Por Inara Novaes, Maria Paula de Sá,
Raíssa Haddock Lobo
e Tabitha Ramalho

A indústria de filmes pornôs é uma das mais lucrativas do mundo. Só nos Estados Unidos gera cerca de 13,3 bilhões de dólares anuais – mais do que o Google, Netflix, Amazon, Apple, Microsoft, Yahoo e Ebay juntos – e, diferentemente de grande parte da economia global, a quarentena serviu como um empurrão para o consumo e crescimento do negócio.

Em realidade de isolamento social, saudades e pouco contato físico, os grandes nomes da pornografia souberam se aproveitar do momento. O site Pornhub liberou seu material premium por 30 dias, de maneira gratuita, sob o argumento que isso manteria as pessoas em casa e ajudaria no alívio de tensão e estresse. A jogada fez com que as visitas ao site aumentassem em 20%. No mercado brasileiro, o maior canal do gênero no país, SexyHot, aderiu às famosas lives – mas de maneira exclusiva para assinantes e com a participação do casal de atores DreadHot e Alemão.

Esse consumo acende uma luz vermelha nos estudos de psicólogos e sexólogos. Grande parte dos especialistas acredita que a exposição às produções pornográficas afeta o desenvolvimento de zonas cerebrais e pode ser porta de entrada para depressão, impotência sexual e incapacidade de se relacionar de maneira afetiva. A situação fica ainda mais grave quando o consumo começa cedo. Para Cláudio Severa, criador do site Prazerle, jovens que descobrem o sexo por meio da pornografia tendem a ter referências performáticas, machistas e violentas. Violência essa que é um dos pilares da indústria.

Por trás da estética de corpos perfeitos e prazeres imensos, cerca de 94% das atrizes envolvidas afirmam ter sofrido algum tipo de abuso, sexual ou moral, durante a carreira. Segundo Shelley Lubben, ex-atriz pornô e fundadora da Pink Cross Foundation, que atua pelos direitos das mulheres na indústria, esse abuso resulta em uma expectativa de vida baixíssima para as mulheres, cerca de 36 anos.

Quando a violência física e psicológica migra para a vida real

Como o pornô costuma ser o primeiro contato dos jovens com sexo, os abusos, a violência verbal e física e o machismo não se limitam apenas às telas. Situações de estupro, agressão, submissão e sexo sem consentimento estão entre as mais procuradas na internet. Letícia Lacerda, cientista social de 25 anos, vivenciou momentos desses na pele: “os caras têm a mania de empurrar a nossa cabeça durante o oral, achando que isso é prazeroso. Mas, na real é super desconfortável.”

O abuso não afeta só a hora-h, mas também na construção dessa realidade para as mulheres. Ana (nome fictício para preservar a fonte) teve seu primeiro contato com os filmes bem nova, por volta dos 9 anos de idade, quando as locadoras ainda eram hábito e as partes “secretas” instigavam a curiosidade dos mais novos, porém assistiu ao conteúdo, de fato, somente aos 11.

Pornhub registra 20% mais acessos durante a quarentena; entenda as consequências pré e pós pandemia

© Montagem: Inara Novaes. Imagens retiradas de banco de imagens



O Brasil e as Filipinas lideram o ranking em número de acessos feitos por mulheres ao Pornhub, 39%

Essa precocidade e a idealização de corpos magros, de seios duros e fácil gozo a afetam até hoje. “Só transo de luz apagada, não gosto que olhem para minhas partes íntimas e fico pensando o tempo todo se estou fazendo cara bonita. No pornô todo mundo fica lindo gemendo”.

De acordo com o relatório da Sociedade Internacional de Cirurgias Plásticas Estéticas, publicado em 2016, o Brasil é líder em procedimentos estéticos na vagina como labioplastia e ninfoplastia. Cerca de 25.031 mulheres realizaram o procedimento no ano da publicação do estudo. Essa vontade vem da idealização pornográfica de vaginas perfeitas e simétricas.

O padrão estético de mulheres na pornografia torna-se ilusório em relação ao corpo feminino como realmente é. Letícia também relata ter sofrido muito e “anulado sua autoconfiança” quando iniciou sua vida sexual, principalmente por ver nos filmes mulheres muito diferentes dela sendo cortejadas em uma realidade de depilação e malhação que não corresponde ao dia a dia dela nem das mulheres reais que conhece.

Já Carla (nome fictício para preservar a fonte) teve problemas pelo consumo excessivo da pornografia. Autodeclarada viciada, durante muito tempo teve problemas para sentir prazer e achava que estava “fazendo tudo errado”: “cheguei a sugerir ao meu namorado que transássemos assistindo a algum vídeo, porque só isso me excitava. Ele se sentiu ofendido.”

O futuro da indústria e as produções alternativas

Dentro do movimento feminista, não há um consenso no campo da pornografia. De um lado, as abolicionistas defendem que, enquanto a indústria existir, haverá a objetificação e mercantilização dos corpos femininos. Do outro lado, estão as mulheres que acreditam que a

pornografia não vai deixar de existir e, portanto, deve ser apropriada e ressignificada.

Mayume Maldita é diretora e produtora de pornô alternativo e faz parte do segundo grupo. Para ela, o ‘pornô feminista’ não é possível porque o movimento não é um mercado, mas, ao mesmo tempo, acredita que ao estar dentro da indústria, será capaz de mudar problemáticas como a objetificação do corpo, por exemplo. Ela acrescenta que, embora a violência esteja presente nos filmes, ela é um reflexo de uma sociedade que condena as mulheres.

Alguns filmes, como *Landlocked*, dirigido e produzido por mulheres, apostam em sexos mais compatíveis com o real, com cenas, por exemplo, do pênis relaxado – desconstruindo os estereótipos do pornô *mainstream*. Em entrevista à Universa UOL, Isabela Graton, apresentadora do podcast feminista O pessoal é político, disse que esse conteúdo acaba por ser mais direcionado às mulheres, uma vez que “difícilmente o consumidor de pornografia gratuita e violenta vai mudar seus hábitos para se interessar pelos filmes mais éticos”.

“Educação sexual: o Estado e a família precisam oferecer de maneira correta e isso você não tem com novela, tampouco com pornô”

Mayume aponta que a educação sexual é dever do Estado e não da pornografia, portanto deve ser integrada ao ensino público: “na maioria das vezes, é na escola que meninos e meninas contam que foram abusados”. Quebrar o tabu e o preconceito com as trabalhadoras sexuais, desmitificando o luxo, o dinheiro fácil e as inserindo nas discussões sobre feminismo e pornografia também é um passo importante a ser conquistado: “esse espaço só é dado para as pessoas quando elas se voltam contra a pornografia ou o trabalho sexual. Esse espaço nunca é dado para a pessoa que está em exercício”, finaliza a diretora.

OS EFEITOS DA PORNOGRAFIA NA MENTE MASCULINA

Por Carolina Varella, Hussein Moussa, Isabela Miranda e Ligia de Toledo Saicali

Problemáticas que envolvem o consumo das produções audiovisuais vêm sendo cada vez mais debatidas e questionadas

Vasos gregos com pinturas eróticas, piçações fálicas em Pompeia e o Kama Sutra na Índia: a pornografia acompanha, de diversas maneiras, a história da humanidade desde os seus tempos mais remotos. Com o advento da internet, que deixou revistas Playboy e fitas cassetes para trás, o acesso a produções pornográficas audiovisuais se tornou praticamente ilimitado. Os frágeis filtros relacionados a faixa etária e ao teor do conteúdo apresentado permitem que a pornografia seja inserida cada vez mais cedo na vida de crianças e jovens e interfira no desenvolvimento natural da sexualidade.

A face prejudicial da pornografia começou a ser questionada em 2012, quando o autointitulado neurocientista Gary Wilson apresentou uma palestra TED Talks, na qual expunha seus possíveis malefícios. Em 2016, após o famoso ator Terry Crews postar uma série de vídeos nos quais relata sua experiência como ex-viciado em pornografia, a pauta recebeu ampla visibilidade. Desde então, diversos movimentos surgiram para discutir os problemas gerados por essa indústria, tanto os coletivos – como os relacionados às causas feministas – quanto os individuais – que remetem diretamente a questões de saúde mental.

Em entrevista ao **Contraponto**, o Dr. Marco Scanavino, psiquiatra, fundador e coordenador do Ambulatório de Impulso Sexual Excessivo e de Prevenção aos Desfechos Negativos associados ao Comportamento Sexual, afirma que apesar das variantes de cada indivíduo, é importante entender o estímulo sexual como uma necessidade biológica e um componente importante na linha de expressão afetiva, a qual é valorizada para se ter uma qualidade de vida saudável.

Todavia, a necessidade de saciar o desejo através da pornografia pode levar a compulsão sexual e alterações no cérebro muito semelhantes às identificadas por uso de drogas. De acordo com Scanavino, o indivíduo “dependente” pode sofrer com uma constante exposição às imagens pornográficas, ter dificuldade de se relacionar com outras pessoas por não obter a mesma resposta sexual e até fazer escolhas de risco, como transmitir DSTs.

“O que acontece, em termos vivenciais, é que a questão do comportamento sexual vai tomando uma saliência na vida da pessoa e muitas coisas começam a se organizar em torno de poder ter momentos e episódios para se dedicar aquela atividade sexual e isso começa a incorrer em prejuízos para áreas importantes da vida”, revela.

As consequências físicas e psicológicas associadas ao consumo excessivo de conteúdo pornográfico que se tem registro, afetam, em especial, aos homens. Dentre elas, destacam-se a hipersexualização e objetificação do gênero feminino, associação do sexo a violência, diminuição da libido, dificuldades em manter relacionamentos românticos, disfunção erétil, entre outras.

O indivíduo leva, em média, 7 anos para buscar ajuda, segundo o especialista, e quanto maior a demora, mais pensamentos negativos são associados. Ao mesmo tempo em que a pessoa possui dificuldade em resistir ao consumo, após a sua ocorrência, se sente mal, culpada e tem



Terry Crews vestindo camiseta com a frase “Pornografia mata o amor”, em inglês

ideias negativas sobre si mesma. O tratamento para evitar desfechos negativos, de acordo com o Dr. Scanavino, visa buscar o autocontrole, e formas de manutenção, o que, conseqüentemente, gera um aumento na libido por ampliar as possibilidades de excitação.

Os maiores consumidores de conteúdo pornográfico online são homens, responsáveis por 71% dos acessos ao Pornhub em 2018. Em uma sociedade patriarcal, os ideais de virilidade e masculinidade são supervalorizados em relação aos de passividade e vulnerabilidade, traços associados ao feminino. Esses valores são perpetuados nas produções audiovisuais, de forma cada vez mais extrema, e inviabilizam o sexo na vida real e as próprias relações afetivas.

Carlos (aqui protegido sob pseudônimo), universitário de 20 anos, em depoimento ao **Contraponto**, compartilha seu histórico com a pornografia e as mudanças a partir da interrupção de seu consumo. Ele conta como as atuações – muitas vezes, violentas – nos vídeos pornográficos influenciaram em sua performance no início da sua vida sexual. “Quando eu tava começando, queria fazer umas posições do pornô que, na verdade, não eram nada confortáveis, nada prazerosas”, diz. “O modo como o pornô trata a penetração, [de forma] totalmente bruta, incessante, me fez achar que era isso”.

O universitário revela que a pornografia não só gerou inseguranças com o seu próprio corpo e genitália, como também construiu uma imagem irreal do corpo da mulher. “Quando algumas pessoas veem o pornô, acham que a mulher tem que ser perfeitinha, com peito de silicone, bunda empinada, não pode ter nenhuma barriguinha, não pode ter marca de estria ou uma vulva mais escura”, afirma.

A decisão bem-sucedida de interromper o consumo de pornografia veio após ler reportagens e posts informativos na internet sobre seus efeitos. Carlos relata que rapidamente percebeu os resultados da experiência: ao deixar de objetificar mulheres, sua libido aumentou, assim como a qualidade do sexo. “Você consegue realmente se entregar e não fica tentando criar uma situação que você viu em um vídeo, ou algo assim”, diz.

“É muito mais intenso e prolongado, justamente por estar mais envolvido”.

Atualmente, entidades que discutem as consequências do consumo de pornografia estão presentes em diversos espectros políticos e ideológicos: desde mobilizações neofascistas, como a Proud Boys, que defende o controle e disciplinarização da sexualidade masculina, a alguns movimentos e organizações alinhadas à esquerda, como a QG Feminista, que denuncia os abusos promovidos pela indústria pornográfica em relação às atrizes e os papéis que as mesmas representam.

A plataforma Recuse a Clicar se dedica diariamente em suas redes sociais à conscientização das problemáticas causadas pela pornografia em todos os seus aspectos. Lucas Falconi, um dos administradores da organização, em entrevista ao **Contraponto**, afirma que a mesma objetiva tornar a discussão dessas problemáticas acessíveis, bem como os dados que as salientam. “Muitos homens vem procurar os grupos da ‘Recuse’, a página, pra trocar informações, experiências e buscar alguma conscientização, ideia ou questionamento”, diz.

Falconi explica que a dificuldade em apresentar a pauta anti-pornografia aos homens, vem da naturalização de seu processo. “A partir do momento em que existe o conformismo do consumo, onde esse consumo é natural, onde ele não é questionado, a origem dele ou como ele é feito, você tem uma problemática de estranheza”, aponta. “A gente sempre procura colocar em evidência, através do empirismo, de que existe um outro lado da história que é preciso ser analisado também”.

A busca por estímulos sexuais saudáveis alternativos à pornografia se mostra como um dos maiores desafios aos homens que desejam parar de assistir a essas produções. O administrador da Recuse a Clicar afirma que mudanças oriundas da autocrítica são a solução. “O acesso à pornografia inviabiliza pessoas do mundo real”, diz. “Se cria um imaginário de que o sexo é o que tá naqueles vídeos, e que, fora deles, o sexo não existe. Então, acho que conversando inicialmente com pessoas do mundo real, procurando pessoas do mundo real, já é um indicio de que você pode mudar essa mentalidade”.

COMPRAR NUNCA ESTEVE TÃO NA MODA

Por Gabriel Tomé, João Vitor Carneiro e Laura Augusta

A Covid-19 impactou diversos mercados, e o da Moda foi um dos principais abalados. Tanto em costumes quanto em questões econômicas, o setor sofreu uma série de mudanças que, há meses, seguem afetando os profissionais desse ramo. Medidas sanitárias para diminuir as taxas de contaminação, como o isolamento social, tiveram consequências em desde as semanas de moda internacionais – que se viram obrigadas a adaptar os modelos de desfile, adiá-los ou até mesmo cancelá-los – até nas lojas e comércios que se viram obrigados a baixar suas portas e abrir janelas para a venda online.

Nova Iorque, Londres, Milão, Paris e São Paulo, as cinco maiores capitais da moda, estão entre as principais afetadas desde o início das quarentenas, que impactou diretamente os desfiles – em especial os da temporada Cruise, que acontece entre as coleções de primavera/verão e outono/inverno, normalmente entre abril e maio. Esse processo antecipou alguns dos questionamentos que já estavam no ar, como aqueles acerca da desaceleração do ritmo de produção e consumo de artigos de moda (em especial os ligados ao setor de fast-fashion) e sobre os impactos dessa indústria no meio ambiente. Ainda assim, aqueles que decidiram investir na presencialidade dos desfiles, e que usam como argumento as emoções inspiradas pelas apresentações do gênero, foram obrigados a reduzir o número de convidados e seguir rígidos protocolos de segurança.

Ainda assim, muitas marcas optaram apenas pelas apresentações remotas, como a Chanel, e, por isso, enfrentaram o desafio de se adequar aos modelos digitais e ainda fazê-lo de forma inovadora. A coleção do ateliê francês, chamada 'Balade en Méditerranée' ("Passeio pelo Mediterrâneo", em tradução literal) foi divulgada através de um vídeo de aproximadamente 7 minutos, e trazia modelos e roupas com ares leves e modernos, passando uma imagem de escapismo, ideal para o momento de pandemia. Além disso, a marca remodelou peças da temporada Verão 2020 e diminuiu a quantidade de itens apresentados passando de 80 para 50, seguindo a tendência de um mercado que pretende produzir menos para evitar prejuízos e reduzir gastos.

Os últimos panoramas publicados pelo estudo "Consumidor Ultradinâmico" em 2019, da Worth Global Style Network (WGSN), uma empresa de previsão de tendências de consumo, trazem indicadores de transformação no comportamento do público que iriam alterar os padrões de comercialização. A possibilidade de trabalhar remotamente em casa era um deles. Com o distanciamento social da quarentena, em que muitas pessoas entraram em regime home office, adiantaram-se algumas mudanças no cenário da moda, como pontua a jornalista Andreia Meneguete, especialista em tendências de comunicação e comportamento de consumo de moda, em entrevista ao **Contraponto**: "A gente viu com a pandemia algumas predisposições sendo potencializadas e colocadas em prática de uma hora pra outra, como o home office, que já

Como a quarentena ressignificou práticas de consumo e comportamento na indústria da Moda

Para combater o prejuízo da queda nas vendas em lojas físicas, resultado das medidas de isolamento social, muitas marcas investiram no e-commerce e outras ferramentas digitais como forma de atrair consumidores



© Faishore.com

era uma possibilidade e de repente todo mundo teve que ficar em trabalho remoto", explicou.

Com os protocolos de segurança recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para frear os índices de contaminação do novo coronavírus, grande parte da população mundial teve que alterar a sua rotina. Após as lojas serem fechadas e sem a possibilidade de ir às ruas, as compras online se tornaram a melhor e mais segura forma de consumir. "Eu não costumava comprar online, antes eu achava que era bem ruim, mas com a pandemia tem muita coisa em promoção, com mais da metade do preço. A maior vantagem foram as promoções", aponta Giovanna Barbieri, estudante de Direito da PUC-SP, sobre as compras online.

Uma das alternativas encontradas pelas marcas foi investir na digitalização de peças e acessórios - gerando menos lixo e tornando as produções mais sustentáveis e em maior sintonia com a velocidade do mundo virtual – e principalmente na de provedores e modelos, com o objetivo de chamar atenção dos clientes e aumentar os laços de proximidade e confiança.

"A Arezzo lançou uma plataforma digital que interage com os clientes, estão tentando humanizar, quando a gente tá falando de digital, não é mais um e-commerce, uma plataforma em que eu faço uma transação comercial de produto. A gente tá tentando melhorar o online para levar experiência, magia", completa Meneguete.

Alguns estilos seguem se delineando e abrindo um caminho para o que se pode esperar da moda pós-pandemia. É o caso do homewear, ou "roupa para usar em casa", uma moda pensada para oferecer conforto e elegância sem abrir da mão da praticidade no guarda-roupa, cujo apelo tem aumentado consideravelmente com as vendas online na pandemia. "A gente já vinha entrando com esse tipo produtos nas lojas no segmento de lingerie e com a pandemia esses produtos tiveram uma aceitação muito grande." explica Giovanna Lauri, assistente de estilo na Loungerie, marca nacional referência em moda íntima. As peças que compõem o atual "estilo pandêmico" são voltadas para momentos como levar os filhos à escola, receber visitas em casa, ir ao mercado e outros momentos casuais.

Apesar de todos os efeitos da Covid-19 já observados na indústria e os movimentos das marcas em resposta a eles, Andreia Meneguete discute que não se pode tecer um panorama antecipado daquilo que será a moda pós-pandêmica: "Ainda é cedo para ter uma visão do que a moda pode se tornar, mas nós temos que olhar para as pessoas e não para a indústria".



© Vogue.com

A coleção Cruise 2021 da francesa Chanel, apresentada de forma inteiramente digital, combinou leveza e sofisticação em um momento de casualidade e incertezas

Por Catharina Faria de Moraes,
Daniel Seiti Kushiyoda,
Dimitrius Vlahos e Rafaela Reis Serra

A medida preventiva de distanciamento social contra o coronavírus, no primeiro semestre de 2020, resultou no fechamento de estabelecimentos e na proibição de eventos que pudessem causar aglomerações, deixando milhares de músicos impossibilitados de trabalhar, e na busca por outras formas de sustento.

Arenas, bares, teatros, casas de show, entre outros lugares que serviam como espaço para artistas realizarem suas performances, tiveram que restringir o acesso ao público. Sem espaço para se apresentar, os músicos independentes foram diretamente afetados pela pandemia. “A nossa vida era na estrada, na aglomeração, viajando e fazendo show. Assim que a gente vivia e conseguia a nossa renda”, afirma Rafael Costa, vocalista da banda Zimbra.

A Zimbra é um grupo de pop rock santista formado em 2007. Atualmente, o grupo alcançou a fama em escala nacional, realizando shows do sul ao norte do Brasil e marcando presença nos principais festivais de música no país. Apesar do sucesso, a banda se manteve independente e, após o início da pandemia, com os cancelamentos dos shows, criou um projeto online de financiamento coletivo.

“Infelizmente, a gente não paga conta com like e nem com aplauso. Temos despesas a serem pagas. O Projeto Viva nos proporcionou a chance de sair daquele poço de contas chegando e não ter dinheiro para pagar”, pontua o vocalista. A banda afirma que é muito grata aos fãs pela sua movimentação e engajamento. “É algo que lembraremos para o resto da vida.”

Entretanto, fãs e internet nem sempre são suficientes para ajudar os artistas. As lives pouco repercutidas de Aparecido da Silva forçaram o compositor a buscar uma fonte de renda alternativa desvinculada da música.

O cantor paulistano, que residia no Rio de Janeiro, voltou para sua cidade natal para ficar próximo dos familiares e do seu trabalho. Antes, sua ocupação consistia em uma agenda lotada de shows, e agora é responsável pela gerência de uma cafeteria em São Paulo. “Para me manter, precisei vender muitas coisas, inclusive o meu violão”, relata Silva.

Thadeu Meneghini, vocalista da banda Vespas Mandarinas, indicada em 2013 ao 14º Grammy Latino, acredita que o cenário da música independente brasileira, antes mesmo da pandemia, já atravessava dificuldades. “A pandemia apenas acelerou este processo”, analisa. “O meio independente descarta o artista muito rápido. Sou muito crítico desse sistema, porque eu também vivi na pele”, explica o músico.

Devido a dificuldades financeiras desde o final do ano passado, Meneghini trabalhou como “faz tudo” em uma pizzaria, no bairro de Pinheiros. “O mercado independente realmente não se preocupa com o artista que passa por problemas financeiros. Eu precisava trabalhar”. Apesar de ter deixado os projetos musicais em segundo plano, o artista afirmou que o lançamento de um álbum ao vivo da banda está programado ainda para este semestre.

“MÚSICA É O NOSSO TRABALHO”

Artistas independentes buscam alternativas para resistirem em meio à pandemia



© Montagem: Sarah Catherine Seles - Imagens acervos pessoais, Rui Mendes, Allison Valentin, Duzze Martins - fotografia e Fabrizio Toniolo

A partir da esquerda, de cima para baixo: Joyce Blanco, Aparecido da Silva, Thadeu Meneghini, Rodrigo Lampreia, Cantora Jamah, Integrantes da Almanak (da esq.-dir.) J.B. Neto, Ricardo Guerra, Ellen Cristinne, Paulo Roveri e João Paulo Silvestre e integrantes da Zimbra (da esq.-dir.) Pedro Furtado, Guilherme Goes, Rafael Costa e Vitor Fernandes

No dia 18 de agosto de 2020, o presidente Jair Bolsonaro regulamentou a Lei Aldir Blanc, que havia sido aprovada pelo Plenário do Senado ainda no começo de junho. A Lei prevê auxílio de 600 reais mensais aos trabalhadores do setor cultural com atividades suspensas, subsídios à manutenção de espaços artísticos afetados e recursos como editais e chamadas públicas.

“Eu me cadastrei na Lei Aldir Blanc, mas ainda não obtive resposta”, afirmou a violinista Joyce Blanco. Natural de Santos, no litoral paulista, além de tocar na Orquestra Municipal do Guarujá e na banda Just Dance, Joyce também é professora de música. “Fui demitida de um dos colégios em que eu dava aula, junto de outros professores da área de artes”.

Mãe solteira, a musicista tenta conciliar o tempo entre maternidade e estudos. Com a implementação do sistema de ensino à distância nos colégios do estado de São Paulo, passou a cuidar do filho durante o dia e mudou o horário dos seus estudos para a madrugada. “É quando o meu filho está dormindo. Coloco um fone e começo a estudar”.

Entre os artistas de bar, a banda Almanak já é reconhecida no meio. O grupo paulistano toca nos bares da capital há mais de 20 anos e teve sua rotina interrompida pela restrição de shows e eventos, imposta pelo Governo do Estado de São Paulo.

O grupo apostou em novas formas de levar sua música para o público. As lives foram uma das alternativas encontradas. “Tudo foi postergado, cancelado e a gente teve que se reinventar, achar um novo caminho para levar nossa música para galera que está a fim de ver nossos shows”, explica Ricardo Guerra, vocalista da banda.

Outro meio completamente novo para eles foi o show em formato drive-in. A banda se apresentou no mês de julho, antes de uma sessão de cinema, em um evento organizado por uma concessionária de carros. “Foi uma experiência fantástica. Ao invés de bater palma a galera buzina, agitava de qualquer jeito”, diz Guerra.

O grupo pretende seguir gerando renda através de lives, conteúdos produzidos especial-

mente para a internet, de sua loja virtual e por meio de projetos paralelos.

Durante o período de quarentena, o cantor Rodrigo Lampreia decidiu arriscar-se em um projeto diferente ao produzir um podcast de entrevistas. “Consegui muita gente boa para entrevistar, estava crescendo muito no número de seguidores e de plays. Dava muito trabalho e foi um projeto que eu me dediquei muito”, conta o carioca. No entanto, devido a direitos autorais, o conteúdo em áudio foi derrubado.

A situação precária presente no cenário pandêmico é acompanhada da incerteza sobre o futuro, dificultando o planejamento de novos projetos. “Estou recebendo propostas para trabalhar no réveillon na praia do Leblon, por exemplo. Porém, está muito incerto se vai acontecer. Eu não sei como acontecerá na prática”, relata Lampreia, que já trabalhou em outras viradas de ano no Brasil.

A cantora paulistana Jamah possuía planos que ela aguardava com grandes expectativas para este ano, como o ingresso na banda do Faustão e a apresentação no Rock in Rio com o rapper Emicida. Contudo, os planos tiveram que ser adiados para, no mínimo, ano que vem.

No começo deste ano, a musicista, após ter seus planos engatilhados, com uma agenda cheia de trabalhos até agosto, também descobriu que estava grávida de seu terceiro filho. “Foi bem difícil. Com a gravidez, que já deixa a gente mais sensível, ficou pior com os cancelamentos de shows e de trabalhos pontuais na minha carreira por conta da pandemia”, relembra.

Em quarentena, junto ao marido, a cantora conseguiu conciliar os gastos e pagar as contas. Neste período, está trabalhando na produção de um EP, em parceria com dois amigos, no projeto chamado Vértice. “O disco tem canções que trazem esperança para as pessoas”, completa.

Sobre o futuro, Jamah exala perspectivas otimistas. “Eu entendo que é uma fase. Espero que a gente consiga retomar essa vibe boa de trabalhos e desse exercício de estar sempre criando e concretizando coisas”, finalizou.

AS SÉRIES E FILMES MUITO ALÉM DA IMAGEM

Por Anna da Matta, Gabriel Tomé,
Gabriela Costa e Sofia Luppi

Durante o período de isolamento social, os telespectadores da Netflix foram surpreendidos por uma mensagem em sua tela: “Algumas opções de áudio não estão disponíveis. A prioridade é a saúde dos dubladores”. Devido à pandemia da COVID-19, os estúdios de dublagem tiveram que interromper suas atividades, o que fez o público notar a importância desse trabalho.

Ponto-chave para a cadeia do audiovisual brasileiro, a plataforma se destaca devido ao acesso a um mercado cuja grande parte da população não fala inglês, idioma no qual se encontra a maioria das produções consumidas no país. Além disso, esse trabalho é essencial para a inclusão de pessoas diversas no meio cultural, principalmente aquelas que possuem deficiência visual.

Quem nunca ouviu a pergunta em tom de deboche: “Você assistiu dublado?”. É o complexo de vira-lata atingindo a dublagem. Em 2017, a Netflix apontou em um evento na Cidade do México, que séries voltadas para o público mais jovem, como 13 Reasons Why, possuem um público maior nas versões dubladas (84%) do que nas originais (16%).

Como explica o dublador Robson Kumode, que dá voz ao Sasuke, personagem do anime Naruto, trazer a produção em português é uma questão mercadológica, pois invariavelmente amplia o acesso ao público. “O deficiente visual ou o analfabeto que não pode ler a legenda, também vai receber o filme e ser mais um espectador consumindo”, afirma.

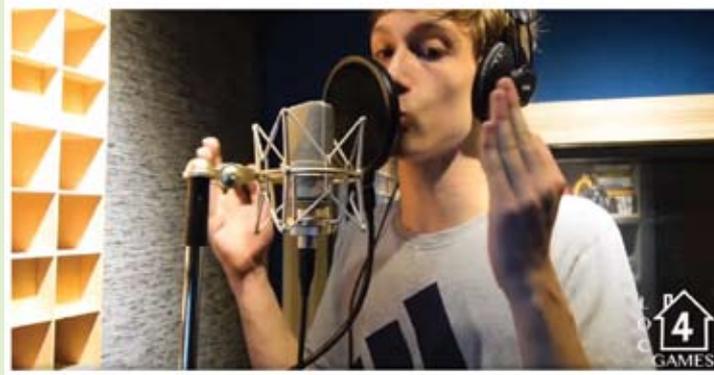
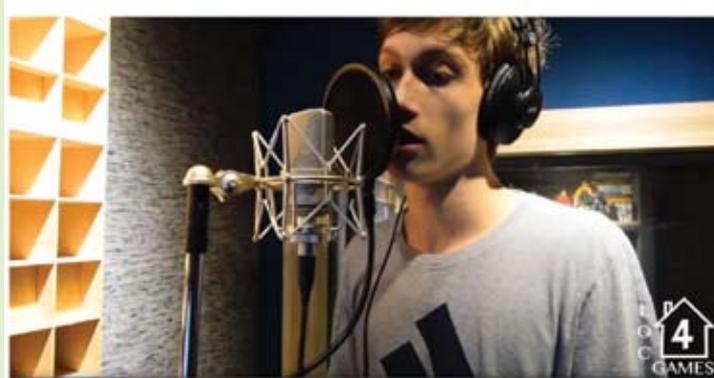
Uma excelente dublagem permite que as pessoas adentrem em uma nova experiência, pois traz características da cultura local, atribuindo mais familiaridade às produções estrangeiras. Dar vida a um personagem exige do profissional capacidade de interpretação: o quesito essencial para se tornar dublador é ser ator por formação. “Exigido mesmo só o registro profissional da área, o DRT”; foi o que Luís Pimenta, dono da voz do personagem Sorimachi, de Capitão Tsubasa, disse. Ele ainda ressalta que é necessário realizar cursos de dublagens para saber a maneira certa de se trabalhar nesse ramo.

Apesar das restrições da pandemia, a área já enfrentava algumas dificuldades em tempos normais. “Nenhum dublador é contratado. Não há garantia de nada. Eu não sei o que vai ser do meu mês que vem, trabalho em um grande freelance”, diz Kumode.

É um mercado concorrido, principalmente para quem está começando, uma vez que para ter boa técnica é necessária experiência prévia. Essa relação impacta diretamente no pagamento dos profissionais, visto que quanto maior a frequência de trabalho, maior a remuneração. “Há quem diga que é uma grande panela”, alega Pimenta, que está nesse ramo desde os 15 anos.

Quando a pandemia chegou ao Brasil, os estúdios de dublagem cessaram suas atividades durante as primeiras semanas de isolamento

Desafios da desvalorização da dublagem em tempos de pandemia



Luís Pimenta gravando em seu Home Studio

© Luis Pimenta/Instagram, print do IGTV - Registro de Voz

afetados pela pandemia, aponta que 72,3% dos dubladores se consideram do grupo de risco ou vivem com alguém que seja. O projeto funciona através de contribuições do público, que recebe em troca alguma ligação ou áudio de seu personagem favorito, interpretado pelo respectivo ator de voz.

Por conta desse fator, algumas empresas, como a Netflix, disponibilizaram “kits de dublagem”, com microfones e outros aparatos, para que os profissionais pudessem pegar emprestado e, assim, realizar as gravações de maneira remota. Entretanto, somente essa

social. No decorrer dos 60 dias iniciais, vários profissionais do setor ficaram sem trabalho e, após esse período, alguns estúdios retornaram ao regime presencial.

Kumode não se sente seguro nessa retomada, dado que as condições na “normalidade” não são as ideais. “Nosso ambiente de trabalho é bastante insalubre”, afirma. “São estúdios pequenos, sem ventilação, sem janela e, no esquema que a gente trabalha normalmente, são pelo menos três pessoas lá dentro: o técnico, o diretor e o dublador. Não tem possibilidade de distanciamento social”. Além disso, não há viabilidade de dublar de máscara, visto que a voz ficaria abafada e a ausência dessa proteção aumentaria as chances de contaminação por gotículas de saliva.

Uma nova perspectiva momentânea se abriu com a vinda do home studio, o que possibilitou que a dublagem continuasse sendo feita. Contudo, nem todos os profissionais tinham condições para realizá-lo. Kumode afirma que é necessário ter certos equipamentos para fazer isso de casa: além de uma internet rápida e um computador bom, é preciso ter um microfone de qualidade para a captação do som. Via de regra, não eram condições encontradas na casa dos dubladores, pois a aquisição de toda essa estrutura para o trabalho remoto tem um preço elevado, e nem todos os profissionais puderam arcar com os custos.

Uma pesquisa feita pelo movimento “Alô, quem fala?”, iniciativa com objetivo de arrecadar doações para esses profissionais que foram

ação não foi suficiente.

A fim de evitar o risco de contágio na retomada presencial e driblando as dificuldades do trabalho remoto, alguns estúdios optaram por retornar as atividades com regime misto: parte da equipe técnica e de direção permanece em casa e somente os dubladores ficam na sala de gravação.

A solidariedade, condição necessária para superar esse período pandêmico, esteve presente entre os dubladores, uma vez que a maioria dos artistas e técnicos não conseguiram a ajuda do auxílio emergencial, oferecida pelo Governo Federal.

“Alô, quem fala?” exerce forte apelo à nostalgia, já que algumas vozes são de personagens presentes no universo de entretenimento infantil. “Faz parte do universo afetivo, uma memória”, explica Norval Baitello Jr., professor de teoria da mídia e da pós-graduação de Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

De acordo com o especialista, nossa voz não é somente uma sequência de palavras; ela possui entonação. Por conta desse fator, ele ressalta que um dublador tem que ser um ator, justamente pela interpretação necessária. “A voz tem uma marca única”, diz. “Cada voz é uma voz, não existem duas iguais no mundo, é semelhante a uma impressão digital. Há mil elementos que constituem a construção de uma identidade e isso é muito importante para a dublagem”.

REFÚGIO VIRTUAL: PESSOAS PASSAM A JOGAR MAIS DURANTE A QUARENTENA

Por André Nunes Rosa e Silva, Guilherme Dias de Oliveira, João Vitor Carneiro e Pedro Catta-Preta Martins

Em meio à maior crise sanitária do século, o que antes era um passatempo, se tornou parte essencial do dia a dia de muitos brasileiros

Ficar em casa, recluso do mundo, pode ser monótono e extremamente cansativo. Plataformas de séries e filmes nos entretêm, porém, nos deixa estáticos, passivo ao conteúdo transmitido nas telinhas. Jogar impõe ao jogador o papel de sujeito, ou seja, o torna ativo, possibilitando uma interação mais intensa e imersiva.

Para João Victor Capricho, aluno de jornalismo da PUC-SP, os games estão mantendo “sua cabeça no lugar”, além de proporcionar experiências que não eram possíveis antes da pandemia. “Jogar possibilita consumir narrativas e histórias que jamais seriam possíveis nos cinemas e seriados, justamente por poder controlar um personagem, seja ele ou ela quem for, em um universo que está ali para ser explorado”, diz. “Jogar traz desafios e, consequentemente, cobra mais atenção para quem está jogando.”

Muito além das campanhas single player offline, as diversas plataformas possuem imensas galerias de jogos online. Por outro lado, a disputa de mercado entre consoles da Microsoft e Sony dificulta o modo crossplay (possibilidade de jogar o mesmo jogo em plataformas e consoles diferentes). Mesmo com a lista de games reduzida, dispositivos como celulares e computadores compartilham um ambiente mais democrático e barato, que ajuda a manter as relações sociais durante a reclusão.

Esse “boom” na indústria dos jogos pôde ser visto em 15 de março deste ano, quando a Steam, uma das maiores plataformas de jogos digitais, teve um pico de 20 milhões de usuários online simultaneamente, dos quais 6,2 milhões estavam ativamente jogando algum título. De acordo com dados da Pesquisa Game Brasil, divulgados pelo quadro Link Pop, da Record News, houve um crescimento de 7,1% no público consumidor de games no Brasil, totalizando 73,4% da população brasileira.

Para a Doutora Ivelise Fortim de Campos, professora dos cursos de graduação em Psicologia e de Tecnologia em Jogos Digitais da PUC-SP, os games têm sido a principal forma de socialização para muitos indivíduos durante o isolamento, devido às poucas opções de lazer dentro de casa. “Os games são uma forma de escapar momentaneamente da realidade e uma saída para muitas pessoas durante a crise”, pontua.

Para Campos, não se pode afirmar que os games foram fator determinante para manter as pessoas em casa, porque a questão envolve diversos outros elementos econômicos e sociais. No entanto, não deixa de vê-los como uma ferramenta importante para a mitigação da solidão na quarentena.



© Rockstar Games

Reunião realizada no cooperativo online de Red Dead Redemption 2

Ainda durante a pandemia, grupos que antes não faziam parte do público habitual, como idosos e crianças, passaram a se familiarizar com o universo gamer durante o confinamento. Por não irem à escola, a forma das crianças encontrarem os amigos e socializar ficou no jogo pra muitas delas”, explica a professora.

O mobile

Felizmente, o sucesso dos games não foi limitado apenas a computadores potentes e videogames que são inacessíveis a muitos brasileiros. Pessoas com menos recursos financeiros conseguem ter acesso a jogos casuais e competitivos de smartphones, que fazem tanto sucesso quanto os jogos para PC ou console. No Brasil, 86,7% dos jogadores fazem uso de seus aparelhos celulares para jogar. Por esse motivo, muitos jogos casuais de celular vêm sendo popularizados, como Gartic, Ludo e Stop, fazendo a aproximação entre amigos e familiares aumentar de forma significativa.

O universo mobile rompe com uma indústria que, por conta dos seus preços e da realidade econômica do consumidor brasileiro, exclui os jogadores com menor condição financeira. Ter um console de última geração ou um computador potente não é acessível para boa parte da população. Por isso, o smartphone é um acessório comum e acessível, que permite a experiência para todos.

Como resultado dessa praticidade, o mercado mobile registrou crescimento durante o período de quarentena. Segundo a AppAnnie, consultora de performance de desenvolvedores, 13 bilhões de downloads de jogos para celular

foram executados durante o primeiro trimestre de 2020 em todo o mundo. Segundo a pesquisa, Brasil e Índia são os líderes mundiais nos números.

Além da relação social com os amigos, os games proporcionam a interação com diversas pessoas ao redor do globo. Os streamers, que são produtores de conteúdo para plataformas como Twitch e Facebook Gaming, tiveram maior procura durante o período pandêmico. Foram mais de 543 milhões de horas assistidas do shooter no trimestre, superando o recorde antes detido por Fortnite, que registrou 399 milhões no segundo trimestre de 2018.

Corporativo

No âmbito empresarial, os games também trouxeram alternativas para contornar as reuniões monótonas feitas via Zoom ou Skype.

A artista Alemã Viviane Schwartz compartilhou em sua conta no Twitter que as reuniões de trabalho passaram a ser feitas no cooperativo online de Red Dead Redemption 2, jogo ambientado no velho oeste estadunidense, publicado pela Rockstar Games em 2018. Segundo a artista “é muito bom sentar em uma fogueira e discutir projetos com os lobos uivando à noite”.

O final das reuniões foi outro aspecto positivo postado pela alemã. “Uma das vantagens é que, quando todos concordam que a reunião já acabou, você pode simplesmente subir no seu cavalo e cometer algum crime ou impedir um, o que é muito menos estranho do que todos sorrindo e acenando para a câmera, enquanto tentam fechar a página”, diz.

Quem nunca ficou sem palavras? Não por ter esquecido, mas por elas não existirem mesmo. Talvez elas até existam, mas não no seu idioma. Há sentimentos, experiências e intensidades que marcam uma sociedade tão profundamente, que em sua língua aflora um vocábulo único para que os falantes possam expressar-se com alteza precisão. E acredito serem essas palavras “intraduzíveis”, sem correspondência direta em qualquer outro idioma, as que melhor descrevem um povo.

O primeiro livro russo que li foi *A Morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói. Evidentemente, história com tema fúnebre – mas tinha algo a mais. Li mais duas obras do autor, depois passei para seus contos terrâneos. O que era aquilo? Mesmo em contos triviais, aquele peso se fazia soberano. Depois de alguns meses estudando a língua russa, descobri seu nome: *toska*. A agonia espiritual com profundos níveis de melancolia. Angústias de gerações vítimas da fome, do frio, das guerras. Como melhor definir os russos senão “*toska*”?

Em toda quinta-feira desses meses em que estudei russo, eu pegava ônibus com um japonês. Era um senhor de braços lisos e mãos enrugadas, que sempre ficava abraçado à sua mochila, com uma expressão que... contemplava a própria calma? Não conseguia explicar muito bem. Pedi a palavra que me faltava para minha amiga, que morou alguns anos no Japão, e ela me veio com três: *boketto*, pensar em nada enquanto olha o longe; *aware*, o gosto agriado de um breve momento de beleza transcendente; *wabi-sabi*, descobrir a beleza na incompletude e assim, aceitar o ciclo da vida e a morte. Acredito serem seus olhos e sorriso japoneses respostas para algumas perguntas que ainda não tenho, nem nunca pensaria em fazer.

Lembrei-me agora de uma quinta-feira do ano passado na qual fiquei em casa, pois tive paralisação na faculdade. Decidi ver uma série sueca na Netflix. Que paisagens, cidades, vida! Apaixonei-me. Fui, então, assistir a todo o conteúdo nórdico que havia na plataforma, e depois, comecei a estudar o finlandês – idioma que mais me cativou. Mas, sendo justa, todos os cinco idiomas têm um ar encantador e palavras que refletem sua felicidade e – por que não? – seu altíssimo IDH.

Em terras dinamarquesas, o substantivo *hygge* é usado para ilustrar diversos cenários, quase como um estilo de vida: sair com os amigos para comer e beber, ficar em casa em um dia de chuva tomando chocolate quente, enfim, as mais variadas atmosferas de grande aconchego e paz interior. Sendo já mais específica, a Noruega chama de *utepils* a alegria de tomar cerveja ao ar livre num dia ensolarado. Não se sentir pronto para gastar tempo ou dinheiro em algo, mesmo tendo como pagar, é uma sensação a qual os islandeses deram o nome de *tima*. Na Suécia, *gökotta* é acordar cedo com a vontade de ir lá fora ouvir os pássaros cantarem. E por falar em pássaro, *lintukoto*, que significa literalmente “casa do passarinho”, é a palavra que os finlandeses usam para se referir ao próprio país, um lugar seguro e rico, onde as pessoas não conhecem os problemas do mundo fronteira afora. Ah, esses países nórdicos...

Nós, brasileiros, conhecemos alguns problemas – mas vamos focar no idioma, por enquanto. Nossa língua nasceu no imenso Portugal e, quando ele trouxe para cá seus fados, o idioma começou a virar mais brasileiro do que já foi português. Desde então, compartilhamos a mais bela das palavras: saudade. Consumir-se de tristeza, ansiar-se por algo ou por alguém que ama, que está longe ou que se perdeu. É difícil definir. Mas, sei que sentimos muitas saudades.

Saudade da infância, da escola, dos amigos. Saudade dos pais, dos tios, dos irmãos. Dos avós, nem se fala... Saudade de alguém falar “olhe para os dois lados antes de atravessar a rua”. Saudade de chorar no ombro da mãe

e sentir aquele grande amor sem fim. Saudade de ouvir samba pela primeira vez. Saudade da cidade, do bairro, do sotaque. Saudade do João Gilberto, da Elis, do Vinícius – e de tantos mais. Saudade de assistir à Copa, usar camiseta da seleção, comemorar gol. Saudade daquela época, daquele governo, daquilo que o Brasil nunca foi.

Saudade dos que se foram. Meu deus, que saudades dos que se foram! Dos que amávamos – e perdemos. Saudade de quando 100 mil era apenas um número, daqueles muito, muito grandes. Imenso.

Acredito que somos um povo que, ao invés de sentir orgulho de seu país, sente saudades. Seja de qual Brasil for.



© Almeida Junior, 1899

“Saudade”

Por Gabriel Soria de Almeida,
José Carlos Ambra de Oliveira
e Raphael Dafferner Teixeira

Entre a segunda metade de fevereiro e a primeira metade de março, campeonatos de futebol mundo foram paralisados devido à pandemia do novo coronavírus. Apenas pontuais exceções, como as ligas masculinas de Belarus e da Nicarágua, seguiram com a bola rolando.

Ao retornarem a partir de maio, o mundo já não era mais o mesmo. Milhares de pessoas estavam morrendo em todo o mundo devido a um vírus novo e, em parte, misterioso, já que a ciência ainda trava lutas diárias para entender o seu funcionamento e desenvolver uma vacina segura contra ele.

Máscaras e frascos de álcool em gel haviam se tornado itens essenciais e indispensáveis para o dia a dia da humanidade. No mundo do futebol, o impacto mais visível gerado pela Covid-19 se fez presente nas arquibancadas vazias como forma de conter o alastramento da doença.

Outros, mais ocultos, já estão sendo sentidos no futebol e deverão se estender a longo prazo como, por exemplo, o fechamento das torneiras de dinheiro - que, por sinal, já não eram muito abertas - para o futebol feminino e as crises no mercado de direitos televisivos e nos clubes de pequeno e médio portes.

Final, o que mais esperar do futebol pós-pandemia? Os torcedores de arquibancada serão mais valorizados? É o fim da era das grandes contratações e dos clubes que se enriquecem com o dinheiro de magnatas árabes e asiáticos em busca de soft power? O que nos aguarda?

Para tentar vislumbrar o futuro, convidamos três pessoas que trabalham com o futebol há anos para darem suas visões sobre quais impactos a pandemia gerará no ludopédio e o que será do esporte nos próximos anos, sendo elas:

- José Paulo Florenzano. Professor do Departamento de Antropologia da PUC-SP. É membro do CRFB (Centro de Referência do Futebol Brasileiro) do Museu do Futebol, em São Paulo, e do Ludens (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas), da USP (Universidade de São Paulo).
- Marina de Mattos Dantas. Mestre em Psicologia Social pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). É pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcida (GEFut) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social do Esporte (GEPSE), ambos da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).
- Breiller Pires. Jornalista graduado pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). É comentarista dos canais ESPN Brasil e mantém uma coluna na edição brasileira do jornal espanhol El País.

O **Contraponto** indagou, para cada um dos três, uma simples pergunta: O que você acha que mudará no futebol devido à pandemia do novo coronavírus?

As respostas foram livres e diversas e, abaixo, você confere cada uma delas.

O QUE UM ANTROPÓLOGO, UMA PSICÓLOGA E UM JORNALISTA ESPERAM DO FUTEBOL PÓS-PANDEMIA?

Convidamos três pessoas que trabalham com o esporte há anos e, para cada uma delas, indagamos uma simples pergunta: O que você acha que mudará no futebol devido à pandemia?



© Christian Verheyen/Borussia Mönchengladbach

Fotos de torcedores, jogadores e demais funcionários do Borussia Mönchengladbach preenchem as arquibancadas vazias do Borussia-Park

José Paulo Florenzano: “A pandemia provocada pelo novo coronavírus reforça uma série de processos que já se achavam em curso no campo esportivo como, por exemplo, o aumento da desigualdade entre os clubes europeus e os clubes brasileiros ou, ainda, entre os clubes grandes e os clubes pequenos.

Com efeito, a falta de articulação da classe dirigente, incapaz de estabelecer uma ação conjunta para assegurar o equilíbrio de forças entre as equipes e, conseqüentemente, manter elevado o interesse do público no espetáculo esportivo, contribui para o agravamento do cenário. Somada à incúria administrativa, responsável pela decadência acentuada de vários clubes tradicionais, ela não deixa entrever perspectivas animadoras.

Ao que tudo indica, a pandemia também deve acentuar o processo da elitização e colocar sob pressão a torcida organizada, cuja margem de atuação pode tornar-se ainda menor em decorrência do comportamento epidemiológico prescrito pelas autoridades de saúde. Nessa hipótese, será necessário reinventar-se para continuar presente nas arenas do futuro.

De fato, se as partidas sem público têm evidenciado o valor da torcida na dinâmica do espetáculo, a questão que se coloca é: qual torcida terá lugar na nova configuração social do jogo?”

Marina de Mattos Dantas: “Eu acho que as torcidas dificilmente serão mais valorizadas porque se o discurso aos trabalhadores do esporte é para não pararem de trabalhar, para os torcedores é o discurso de “fique em casa e seguro e contribua com o clube de outra forma”.

Esse discurso não começa a partir da pandemia. A gente já vem de uma movimentação nesse sentido na qual querem que poucos torcedores, com um determinado tipo de comportamento, de uma conduta específica, estejam no estádio.

Costuma-se unir muito esse comportamento à construção de uma “elite torcedora”, e o desejável é que esses outros torcedores estejam

em casa, assinando o pay-per-view, vendo pela televisão, consumindo o futebol de outras formas.

Para muitos torcedores, isso já é uma realidade, enquanto outros resistiram e continuaram indo aos jogos, pagando preços caros, que fossem, ou indo menos, mas sem deixar de ir. Então essa movimentação já acontecia antes da pandemia.

Com a pandemia, a análise que eu faço é que esse pensamento tende a ficar mais fortalecido. Sabe por quê? Porque a gente diz ‘fique em casa, fique seguro’ para o torcedor, e ele passa a ser um torcedor-consumidor”

Breiller Pires: “Eu não acho que isso [a pandemia] vá gerar uma unidade no futebol, como muita gente espera, principalmente pela forma como a gente viu ser tocada e editada do dia para a noite a MP do Futebol [Medida Provisória 984/2020, editada pelo presidente Jair Bolsonaro, sem partido, e que mexe nos direitos de transmissão dos jogos], sem discussão, sem uma unidade entre os clubes, sem a tão propagada união entre dirigentes.

Nem uma profissionalização e modernização dos processos de gestão, porque os clubes certamente já estão recorrendo a articulação no Congresso com a Bancada da Bola [Frente Parlamentar de Apoio ao Esporte] para tentar benesses para se recompor nessa crise, para tapar o buraco deixado primeiro pela paralisação dos jogos, e agora pela perda de receitas com torcidas.

O presidente do Bahia [Guilherme Bellintani], por exemplo, acredita que essa MP pode fazer com que blocos se unam. Mas essa união de blocos de clubes, caso ela aconteça, não vai ser suficiente para aplacar as desigualdades dos clubes [pequenos] com os de maior poderio financeiro como o Flamengo e Palmeiras, por exemplo.

Acho que vai continuar existindo um abismo pros clubes médios e, sobretudo, os pequenos, que têm dificuldades e até temem entrar em falência diante do que vai acontecer no futebol daqui para frente”.